

## TRADUÇÃO

Recebido em 8 de março de 2021  
Aprovado em 11 de agosto de 2021

# DE RE DIPLOMATICA, I, 11, de Jean Mabillon: uma breve história da escrita

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.53514>

*Danilo Oliveira Nascimento Julião*

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, na linha de pesquisa *O discurso latino clássico e humanístico* pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Letras: Português-Inglês e Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisa a epigrafia em latim na cidade do Rio de Janeiro, assim como outras áreas relacionadas à cultura latina.

E-mail: [prof.danilo.juliao@gmail.com](mailto:prof.danilo.juliao@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7486-3253>

## Introdução

A Paleografia é uma ciência que contribui muito para outras áreas do conhecimento, especialmente a História, pelo fato de trabalhar com manuscritos de qualquer época, independentemente da língua em que foram escritos. Dotado dos conhecimentos fornecidos por essa ciência, um pesquisador pode ter acesso a diversos documentos e conhecimentos que ajudam a entender determinada época, civilização, fatores políticos e históricos de uma sociedade, entre outras particularidades. No caso deste trabalho, a Paleografia foi fundamental para conhecer um pouco mais da história da escrita ao longo de séculos e sociedades.

Ao longo de um semestre letivo<sup>1</sup>, foi possível conhecer, ainda que de forma remota, algumas noções de Paleografia e, a partir desses conhecimentos, colocá-las em prática através da transcrição paleográfica e da tradução de um texto, como forma de ter a experiência paleográfica na sua (quase) total plenitude. E a escolha recaiu sobre um texto tão interessante quanto complexo, que apresenta uma série de conhecimentos sobre a Paleografia e a Diplomática, de modo que o seu leitor é transportado para um universo totalmente diferente, em que a busca pelo conhecimento atinge o seu esplendor. O texto, também, é a primeira publicação em que a Paleografia e a Diplomática são apresentadas enquanto ciências e áreas do conhecimento: trata-se da obra "*De re diplomatica libri sex*", ou, em tradução nossa, "Sobre a diplomática em seis livros".

Até hoje, a obra é considerada por medievalistas como a pedra fundamental do estudo científico dos documentos históricos, de modo que o próprio autor afirmaria sua intenção em inaugurar um novo gênero de arte antiquária (*novum antiquariæ artis genus*<sup>2</sup>). Escrita por Jean Mabillon (1632–1707), um monge beneditino da congregação de Saint-Maur, em Paris, e publicada pela primeira vez em 1681, a obra surgiu como uma monumental contribuição para os estudos históricos e antiquários<sup>3</sup>. Composta por seis livros, percebe-se que os três primeiros lidam com os instrumentos etários, materiais, de escrita, estilo e autenticidade pertencentes aos documentos históricos. Escrito em língua latina, a obra não possui tradução para a língua portuguesa, o que reforça o ineditismo do que será apresentado a seguir. A primeira edição foi publicada em 1681 e a edição escolhida foi a segunda, de

---

<sup>1</sup> O presente texto é resultado de um trabalho de final de curso da disciplina *Introdução à Paleografia: leitura e transcrição de manuscritos medievais e modernos*, ministrada na Faculdade de Letras (UFRJ) durante o 1º semestre de 2020, em modo remoto, pelo professor Leonardo Marcotulio. A disciplina apresentou os diferentes tipos de escrita, épocas e normas de transcrição paleográfica.

<sup>2</sup> Cf. *De Re Diplomatica*, I, 1.

<sup>3</sup> O adjetivo 'antiquário' foi de uso da Antiguidade e do Medievo, de acordo com Isidoro de Sevilha, enquanto São Jerônimo usa o termo 'antiquário' no contexto da cópia dos manuscritos. Mabillon, por sua vez, usa o termo para se referir ao estudo de materiais medievais (muito mais do que da Antiguidade) nos princípios científicos, referindo-se enfaticamente ao exame sistemático de registros antigos.

1709, revisada, corrigida e autenticada pelo autor e publicada cerca de dois anos após seu falecimento. O texto foi digitalizado e coletado do projeto de digitalização empreendido pelo Prof. Dr. Harald Müller, do Instituto de História Universidade Humboldt de Berlim em cooperação com a Biblioteca Estadual de Berlim, disponível no site <http://x0b.de/mabillon/index.html>.

Embora seja um livro de Diplomática, os aspectos paleográficos são tratados com mais precisão no capítulo XI do primeiro livro, sendo esse o nosso objeto no presente texto. O capítulo escolhido para ser transcrito e traduzido ao português apresenta um percurso através de diferentes épocas e diferentes nações sobre a evolução da escrita (de forma muito pontual e resumida), mas que se apresenta como grande contribuição para os estudos e entendimento de quem estuda principalmente a Antiguidade e outras épocas. Esse capítulo, ainda, trata dos estilos de escrita, fontes e sua origem e distribuição – em conexão com o 5º livro, ele constitui o ponto de partida e a base para o desenvolvimento da Paleografia enquanto área do conhecimento. O texto do século XVII apresenta um momento em que várias áreas do conhecimento evoluíam pouco a pouco para se transformarem em ciências com base empírica estabelecida a partir do final do século XIX<sup>4</sup>.

Tratando brevemente do processo de transcrição e tradução, o advento da tecnologia foi fundamental para facilitar o acesso à versão digitalizada da obra, o que, de alguma forma, garantiu a sensação visual de lidar com um documento antigo. O processo de transcrição, num primeiro momento, foi realizado de forma manual com a transcrição total do texto em folhas avulsas de papel almaço<sup>5</sup>; o processo se revelou uma oportunidade de entender melhor as dificuldades de se lidar com a análise de um texto com certa antiguidade, uma vez que esse foi o primeiro contato com as técnicas de paleografia e transcrição. As dificuldades apresentadas, naturais de uma primeira experiência, foram superadas com tempo e paciência, de modo que o texto foi finalmente transcrito e devidamente digitado. É válido mencionar que as combinações de letras e símbolos encontrados apresentaram alguma facilidade na hora de decodificá-los.

Em seguida, realizou-se a etapa de tradução do texto transcrito, em que se verificaram algumas dificuldades, uma vez que não se trata do latim clássico, mas o latim utilizado pelos acadêmicos naquele período. Essa modalidade do latim, embora muito difundida entre acadêmicos, necessita de muita atenção em sua leitura, pois apropria-se de muitas estruturas do latim clássico. A bem de exemplos mais

---

<sup>4</sup> A ciência e a teologia passam por uma separação fundamental no século XVI, de modo que a primeira se tornou um conhecimento mais estruturado e prático. Somente cerca de dois séculos mais tarde, o conceito de ciência passaria a englobar as chamadas Ciências Sociais e Humanas, que negam o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautassem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. A História e suas ditas 'ciências auxiliares', como a Epigrafia, Diplomática e Paleografia seriam alçadas a áreas do conhecimento.

<sup>5</sup> Por causa da pandemia causada pelo covid-19 e seu consequente isolamento social, as leituras para a disciplina *Introdução à Paleografia: leitura e transcrição de manuscritos medievais e modernos*, bem como suas atividades foram realizadas em modo remoto. As circunstâncias motivaram que os primeiros passos da transcrição envolvessem o trabalho manual, de modo a criar uma experiência mais completa possível.

práticos, nota-se uma quantidade considerável de estruturas mais complexas, a saber, o acusativo com infinitivo (equivalente a uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo) com a presença ou não de um verbo principal ou o ablativo absoluto (equivalente a uma oração subordinada adverbial reduzida de particípio), assim como a apresentação de muitos estudiosos até então desconhecidos, mas cuja descoberta ajudou a entender como ele serviram de referência para o autor.

O texto também apresenta algumas obras de referência que ora foram identificadas, ora permaneceram desconhecidas, por falta de maiores informações, o que tornou necessária uma busca mais profunda sobre as personalidades mencionadas por Mabillon e também sobre a época em que determinados fatos ocorreram. Por essa razão, a quantidade de notas de rodapé excedeu as expectativas, para elucidar determinados pontos e tópicos<sup>6</sup>.

Espera-se que a contribuição da transcrição e tradução desse capítulo seja de valia para estudiosos e interessados em conhecer um pouco mais da história da escrita, da Paleografia ou de épocas temporais mais antigas. Certamente, o trabalho com esse texto foi uma oportunidade valiosa de enveredar por novos caminhos e adquirir novos conhecimentos, seja na arte antiquária ou documentária. Os apontamentos de Jean Mabillon, que dedicou sua vida a construir um legado de conhecimento para a geração contemporânea de sua época e as gerações futuras, são frutos de uma intensa atividade de edição e coleta, que foi apoiada por inúmeras viagens a arquivos, principalmente na França e na Itália, até sua morte, no começo do século XVIII. Após essa breve introdução, é o momento de prosseguir à apresentação da transcrição e tradução do capítulo.

---

<sup>6</sup> Ainda, para auxiliar em determinadas explicações paleográficas, utilizamos as obras *Manual de Paleografia – Fundamentos e Historia de la Escrita Latina hasta el Siglo VIII*, de Luís Núñez Contreras, *Introducción a la Paleografía y a la Diplomática General*, organizada por Ángel Riesco Terrero e o *Lexicon Abbreviaturarum – Dizionario di Abbreviature Latine ed Italiane*, de Adriano Capelli. Com esse material, tornou-se possível também elucidar eventuais dificuldades de transcrição e formular breves explicações.

# JOHANNIS MABILLON DE RE DIPLOMATICA LIBER PRIMUS

## CAPUT XI

### I. Scripturarum veterum varia genera

Ante inventam scripturam *primi per figuras animalium Ægyptium sensus mentis effinxisse dicuntur*<sup>7</sup>, et *litterarum semet inventores perhibent. Inde Phoenicas, quia mari præpollebant, intulisse Græciæ, gloriamque adeptos, tamquam repperint, quæ acceperant.* Quidquid sit de hoc Cornelii Taciti loco, varia subinde fuerint apud veteres Latinos scripturæ genera, variæque species ac formæ. Alius quippe scribendi modus obtinuit apud Romanos, alius apud alias nationes. Pro hac nationum diversitate totidem ferè scribendi modos enumerare licet, immo uniuscuiusque nationis varios pro temporum varietate. Quatuor scripturarum genera enumerari solent, Romana vetus, Gothica, Anglosaxonica, et Langobardica. Sed adæquata non est ea divisio, cum ad illa genera omnes scripturarum species, quæ in vetustis libris ac monumentis nobis reliquæ sunt, revocari non possint. Varios earum modus effingi curavit superiori sæculo Johannes Baptista Palatinus Romanus, nempe Cancellarescam Romanam, itemque mercatoriam Romanam, Florentinam, aliasque, scripturam bullarum apostolicarum, litteram Neapolitanam, rognosam (quam vocat) incisam, Notarescam, Franciscam, Hispanicam, Longobardicam, Flamingicam, Teutonicam seu Tudicam, aliasque fere arbitrarias. Consimiles exprimi curavit eodem tempore quidam Venetus. Verum hæc fere omnia scripturarum genera recentiorum sunt temporum, non antiquorum, de quibus hîc inquirimus. Hoc consilium susceperat regnante in Gallia Carolo IX Petrus Hamon, regii cubiculi Notarius, qui ex variis bibliothecis et archivis varia scripturarum specimina peritissimè expressit ut in Præfatione exposimus. At opus suum imperfectum, nescio quo casu, reliquit, et pauca Latinorum alphabeta et specimina depinxit, quæ nec in públicos usus venerunt. Rem exsecutus dicitur Jacobus Bonaventura Hepburnus, qui tabulam Romæ anno MDCXVI cum privilegio summi Pontificis et superiorum facultate à Philippo Thomasio in æs sculpi et excudi curavit sub hoc titulo: *Virga aurea, septuaginta duobus encomiis B.V Mariæ cæлата, auctore F. Jacobo Bonaventura Hepburno Scoto: in qua septuaginta duo diversissimorum characterum continentur alfabeti, totidem emblematis decorata.* Hanc tabulam mihi videre non licuit: sed si quid ex

---

<sup>7</sup> Tac. Annal., lib. XI, 14. NT: O trecho de Tácito mostra que as primeiras mensagens foram representadas por figuras de animais no Egito (que nomeamos hieróglifos) e, por essa razão, eles se creditam os inventores das letras. Em seguida, os Fenícios, com seu alfabeto, se espalharam pela antiga fenícia, Norte da África e Grécia. Finalmente, na Itália, os Etruscos adaptaram seu alfabeto a partir do antigo alfabeto grego, importado do alfabeto fenício, até tomar a forma do alfabeto latino.

Wormio, apud quem hæc legi, intelligo, Orientalium partim, partim Latinorum recentiorum sunt ejusmodi alfabeti. Integrum proinde restat de antiquiis argumentum, quod rudi licet minerva explicare nobis incumbit.

## II. Divisio adæquata

Ex præmissis omnibus scripturæ generibus, ad propositum nostrum pertinent quatuor, dumtaxat priores species, nempe Romana vetus, Gothica, Langobardica, et Saxonica. Romana illa obtinuit aureis seculis apud Romanos et Italos, viguitque ad sæculum V. quo tempore cum Gothi Italiam sub jugum suum adduxissent, etiam Gothicis litteris romanas aliquantisper vitiarunt. Tum sæculo VI Langobardis in Italiam effusis, successit Langobardica scriptura ad communem usum. Romana illa sic corrupta in libris describendis aliquamdiu viguit, nempe ad sæculum VIII. Nam post id tempus Romana ad solos ferme librorum titulos reserva est, expectis nonnullis libris ad pompam descriptis in gratiam principum personarum. Sic ergo Langobardica obtinuit apud Italos ad sæculum XII. Quo ex tempore in politioem illum modum sensim deducta est, quo nunc est Romana recentior. Hæc apud Italos.

## III. Gallorum prisca scriptura

Gothicâ usi sunt in Hispania Vesigothi: Saxonica Britanni seu Anglosaxones. At quo genere Galli, Germani, et alii populi Septemtionales? Gallis scripturæ genus proprium ante Francorum adventum fuisse constat sicut idioma. Sed ex illis temporibus nulla nobis relicta sunt monumenta, præter nonnullos titulos sepulcrales, ex quibus priscum Gallorum alphabetum eruere tentavit Boterovius in suo libro De Re Monetaria. Hoc alphabetum, quodcumque illud est, suo loco exhibebimus. Exstat in Itinere nostro Italico<sup>8</sup> Gordani Galli titulus sepulcralis, qui vetusto illo Gallorum scripturæ genere exaratus est. Post Francorum in Gallias accessum Galli duplici scripturæ genere usi videntur, altero Romano, quale in plerisque vestustioribus codicibus reperitur: altero minutiori in diplomatibus et quibusdam libris conscribendis, quod uniforme ubique in diplomatis et chartis sub Merovingica stirpe fuisse observavimus. Hanc scripturam *Francogallicam* seu *Merovingicam* appellare licet, quæ *barbara* jam dudum ob litterarum asperitatem ac difficultatem dicta est. Hæc paullatim politior evasit Carolinis temporibus, quis duæ maximè scripturæ species apud nostrates obtinuerunt: una ad Italicæ nostræ formam accedens, qualis in diplomatibus Carol M. nonnullis, omnibus Ludovici Pii et Caroli Calvi

---

<sup>8</sup> Iter. Ital. pag. 141.

deprehenditur: quæ ob id *Carolina* appellari potest. Altera, in libris describendis et synodicis litteris adhiberi solita, quæ à minutæ Romanæ forma paullùm recedit. Hæc de Gallis. Apud Danos vero *Runica* scriptura invaluit, distincta à Gothica illa, quam Ulfilas Gothorum Episcopus adinvenisse memoratur. Tametsi *Runica* dicta est Gothica, propterea quos Getæ seu Gothi eâ uterentur ante et post Ulfilas. Denique Germanos Gothicis primùm assuevisse litteris veri simile est: deinde iisdem illis, quibus Francos nostrates usos fuisse diximus, donec tandem Teudiscam seu Teutonicam sibi propriam insuper invenerunt. Aliter sensit noster Genebrardus, qui ad annum Christi CCCC XXVIII. Hæc memoriæ prodidit. *Disciplinarum capaces cùm non essent Germani, ab octingentis annis dumtaxat, id est à Carolo M. ut ipsimet affirmant, suam linguam coeperunt litteris exscribere, et cum Christiana religione musas excipere, ut non sit quærendum, quibus hoc tempore tum ibi litteris uterentur. Litterarum secreta, inquit Tacitus, viri et feminae pariter illic ignorant.* Hanc Genebrardi sententiam rejicit Olaus Wormius in libro de *Runica* litteratura<sup>9</sup>, cujus litteraturæ apud Danos usitatae monumenta haud pauca, quæ sexcentis ferme annis ante Caroli M. tempora litteris patriis, hoc est Runicis, sunt exarata, refert. Sed tamen Genebrardi conjecturam firmat Otfridus monachus, qui in præfatione ad Evangeliorum versionem Theotiscam, *Lingua hæc, ait, veluti agrestis habetur, dum à propriis nec scriptura, nec arte aliqua ullis est temporibus expolita.* Ita ille ante annos octingentos. Sed hæc facilè conciliari possunt, si dixeris, Germanos ante Bonifacii Episcopi et martyris Carolique Magni ætatem, plus armis dedisse operam, quam litteris ac studiis. Tametsi nonnulla ante id tempus ediderunt monumenta litteraria, qualia sunt Danica à Wormio relata, sed maxime argenteus codex Evangeliorum quondam coenobii Werthinensis, Gothicis litteris ante annos mille exaratus, quem Franciscus Junius protulit in lucem. Hæc breviter ob oculos posita, nunc paullo accuratius per partes explicanda sunt.

#### IV. Romanæ scripturæ duas species vulgares, pura & semigothica

A Romana incipiendum, quæ duplex erat: una constabat litteris majusculis, quæ *unciales*<sup>10</sup>, (quoniam unciâ, id est pedis duodecima parte, constabant) item *cubitales, grandes, quadratæ* ab antiquis appellatæ sunt. Alia constabat minoribus litteris, licet ejusdem essent formæ cum uncialibus, se non ejusdem magnitudinis. Hinc minutæ litteræ apud veteres dictæ, immo (ut quibusdam placet) *minutissimæ* et *rotundæ*, quæ scilicet ob celeriorescriptionem non tanta arte, nec tanta mole conformatæ erant. Hanc Romanæ scripturæ differentiam colligo ex sancti Hieronymi præfatione in Job, ubi unciales litteras opponit iis, quæ ipse in schedis suis conscribendis adhibebat. Verba ejus ita habent. *Habeant*

---

<sup>9</sup> Worm.c. 20.

*qui volunt veteres libros, vel in membranis purpureis auro argentoque descriptos, vel uncialibus (ut vulgo aiunt) litteris onera magis exarata quàm codices: dummodo mihi meisque permittant pauperes habere schedulas et non tam pulcros codices, quàm emendatos. Erant ergo Hieronymi schedulæ, non auro argentoque illustratæ: non uncialibus exaratae litteris, sed minoribus Romanis, ejusdem tamen formæ cum uncialibus. Certè definitam fuisse uncialium quantitatem apertè indicat Lupus Abbas Ferrariensis in epistola v. ad Eginhardum. Prætera scriptor regius Bertcaudus dicitur antiquarum litterarum, dumtaxat<sup>11</sup> ★ earum quæ maximæ sunt, et unciales à quibusdam vocari existimantur, habere mensuram descriptam. Itaque si penes vos est, mittite mihi eam per hunc quæso pictorem cùm redierit, schedulá tamen diligentissimè munitá. Ex his duo inferre licet: primum, uncialium certam fuisse mensuram certumque modum, id est unius unciae contra Allatium<sup>12</sup>, qui *unciales, cubitales, grandes, quadratas*, synonymis verbis dictas putat, quantumvis minutæ essent. Alterum, unciales ejusmodi litteras Carolinis temporibus minùs usitatas fuisse, cùm eas *antiquas* vocet Lupus, earumque mensuram ignoraverit. Ceterum operosa hæc uncialium litterarum scriptura non erat usui passim, sed tantum in inscriptionibus librisque descriptis ad pompam, quorum plerique adversa dumtaxat, non aversa parte exarati erant. At minuta Romana vetus adhibebatur communiter ad describendos codices, quales hactenus multos præ manibus habemus, ex quibus specimina suo loco proferenda sunt. Tale erat (ut puto) volumen illud *maximum et admirabilite veteris et novi Testamenti, litteris majusculis exaratum, quod Pius II. Pontifex cupidè vidit*<sup>13</sup> in monasterio sancti Salvatoris à Rothari ædificato, quod in Abbatia opido agri Senensis exstat. Hæc duo scripturæ genera vigerunt maximè apud Romanos usque ad v. Christi sæculum, Sanè qui nobis ante anos mille relictis sunt veteres libri, secundam scripturæ formam (quæ uncialis vulgo, sed perperam dicitur) passim repræsentant, sæculo VIII. pæne obsoleta. In titulis tamen scribendis subinde adhibita est, aliquando etiam uncialis tametsi á veteri apullulu diversa. Priscam illam tanstisper immutavit Claudius, qui *novas litterarum formas addidit, nempe tres litteras, quæ usui imperitante eo, post oblitteratæ sunt*, auctore Cornelio Tacito<sup>14</sup>. Deinde littera P quæ instat π græci efformari consueverat, retorto ductu ad morem nostrum efficta est tum ex Gothorum alphabeto quædam litteræ, postquam Gothi in Italiam aliasque Romanæ ditionis regiones affusi sunt, in Romanum commigrarunt vice aliarum. Hæ litteræ A, E, G, H et U quadratum: quibus adde P et Q, quæ in corrupto Romano charatere infra aliarum ordinum descendere solent.*

<sup>11</sup> Id est, *vidilicet*.

<sup>12</sup> Allat in antiq. Etrusc, pag. 58.

<sup>13</sup> Gobelin. Comment.de Pio II, lib.9, init.

<sup>14</sup> Tacit, lib. 11, num 13 et 14.

## V. Tertia minuta asseritur

Sed præter illa duo Romanæ scripturæ genera videtur aliud tertium in usu, saltem inclinante imperio, fuisse, nempe minuta scriptura diversæ non solùm magnitudinis, sed etiam formæ ab unciali, qualis erat ea, quæ hominum forensium erat. Id facilè mihi in animum inducit tum compendiosa scribendi ratio, quam homines sectari solent: tum complures sæculi sexti chartæ Ravennenses, ex quibus una integra ex bibliotheca Vindobonensi ultimo loco hic inter specimina nostra æri incisa exhibetur. tum instrumentum plenariæ securitatis in Supplemento<sup>15</sup> ex bibioltecha regia expressum. ubi duplex ejusmodi scriptura observanda in uno eodemque epitaphio Gaudentiæ, quæ Urso & Polemio consulibus obiit. Idem usu venit in Gallia sæculo V. ac VI. quibus sæculis cum Romana majuscula secundæ speciei passim usitata esset in scribendis libris, minutissimæ litteræ in scribendis publicis instrumentis receptæ erant, ut ex Merovingicis nostris aliisque intelligitur. Adde clausulam ab incerto quodam libris Hilarii de Trinitate subjunctam in codice ecclesiæ Vaticanæ, quæ clausula minutissimis litteris scripta est *anno XIV Trasamundi Regis*, id est anno Christi DX. Simile apud veteres Romanos obtinuisse minutissimæ scripturæ genus veri simile est, qualem scilicet *minutissimam* vocat Plautus in Bacchide, Cicero apud Plinium<sup>16</sup>, Seneca in epistola XCV. Sic Evagrius Pontieleganter *scribebat celerem characterem*, teste Palladio<sup>17</sup>(c. 86). Quod quamquam de Græco dictum, sanè in Romanum etiam pari ratione derivari potest. Eo characteris genere scriptam fuisse existimo Caligulæ legem, referente Suetonio<sup>18</sup> (Calig., num 41), *minutissimis litteris et angustissimo loco, uti ne cui describere liceret*.

## VI. Tironis notæ compendiosæ

Litteris Romanis subjicere licet Notas illas compendiosas, quas Tiro Ciceronis libertus excogitasse perhibetur. Earum indicem habet Gruterus in fine voluminis inscriptionum, qualem habet vetus codex, qui nunc est Bibliothecæ Illustrissimi Johannis Baptistæ Colberti, antea Thuaneæ. Exstat etiam apud nos liber psalmodiarum antiquus his notis descriptus: exstant et alibi nonnulli ejusdem scripturæ, de qua hæc dicta sufficiunt.

<sup>15</sup> Supplem., pag.114.

<sup>16</sup> Plin., NH, VII, 2.

<sup>17</sup> Pallad., c. 86.

<sup>18</sup> Suet., in Calig., num 41.

## VII. Runica scriptura

Jam venio ad antiquissimum genus Runicæ scripturæ, quam commentariis suis fusè explicavit Olaus Wormius, tum in Fastis Danicis, tum in Monumentis item Danicis, sed maximè in libro de Danica litteratura, Hafniæ edito anno M DC XXX VI. Hoc in libro rectè docet<sup>19</sup> (V.Worm.c.I), Danos earum litterarum esse inventores, quas sic dictas existimat à *Rynner* voce prisca & nativa, sulcos significante, quos cùm elementorum ductus lapidibus & cautibus incisi æmulentur, non incommoda, sed eleganti metaphora eo vocem transtulerunt Dani, ac litteras suas Runer vocarunt, eum ad modum quo Romani exarandi vocabulo usi sunt ad significandam scripturam. Runicas vero litteras prætera nuncupari mysticas & occultas, tum quod ab aliarum gentium litteris mirâ discrepant inolentiâ: tum quod in occultis suis scientiis, puta magicis & præstigiatoriis, (quibus Borealis illa mundi pars præ ceteris pollet & polluta est) hujusmodi characteres maximè claruere. Denique dictas etiam Gothicas<sup>20</sup>, quoniam à Gothis usitatae ante Ulfilanas. De Runicis litteris loquitur Venantius Fortunatus<sup>21</sup>.

*Barbara fraxineis pingatur Runa tabellis  
Quodque papyrus agit, virgula plana valet.*

Dani quippe lignis non tantùm fagineis, sed & fraxineis, immo ossibus & cornibus epistolas suas mandare solebant. De his litteris intelligendus est Rabanus in libello De Inventione Linguarum. *Litteras, inquit, quas utuntur Marcomanni, quos nos Nordmannos vocamus, infrâ scriptas habemus, à quibus originem qui Theodiscam linguam loquuntur, trahunt, cum quibus, carmina sua incantationesque ac divinationes significare porcurant qui adhuc paganis ritibus involvuntur.* Ex his Runicis quatuor illas litteras, quas Chilpericus Francorum Rex vulgaribus addidit<sup>22</sup>, acceptas fuisse Wormius<sup>23</sup> censet contra Gerardum Vossium in libro nono de Grammatica, qui ex Aimoino hasce litteras, scilicet Ω, Θ, Φ, X, ex Græcis mutuatas asserit. Sed eas ab Aimoino corruptè scriptas Wormius contendit ex Gregorio Turonensi.

Qui Gothicas litteras cum Runicis (quæ & Gothicæ à gente aliquando appellatæ) penitus confundunt, facilè revincuntur ab Olao Wormio, qui monumenta Runica vulgavit à primis Christi sæculis lapidibus insculpta, longè ante Ulfilam Gothorum Episcopum Arianum, quem circa tempora Valentiani & Valentis Imperatorum Vixisse testantur Socrates<sup>24</sup> Scholasticus, Sozomenus<sup>25</sup>, aliique.

<sup>19</sup> Worm., cap. 1.

<sup>20</sup> Ibid, cap. 4.

<sup>21</sup> Fortunat., libr. 8, epig. 18.

<sup>22</sup> Greg. Tur., lib. 5, cap. 45 & Aimoin. Lib. 3., cap. 41.

<sup>23</sup> Worm. de literat. Runica c.9

<sup>24</sup> Socrat, lib.4.cap. 33.

Hoc porro discrimen ob oculos posuerunt Olaus Wormius & Franciscus Junius: quorum ille Runicam litterarum diserte explicavit: hic Gothicum alphabetum cum Runico contulit in præfatione ad codicem argenteum, in quo liber Evangeliorum Gothicis litteris argenteis descriptus est. Hujus codicis fragmentum antea expresserat Janus Gruterus<sup>26</sup> vir summus; idemque in egregio illo inscriptionum opere peregrina quædam elementa exhibuit<sup>27</sup> ex æneis tabulis octo Eugubii in Ubria repertis: quarum una litteris (ut isi visum est) Græcis inversis, linguâque (ut quidam autumant) Æolicâ; reliquæ vero litteris quidem latinis, sed linguâ (ut putatur) Etruscâ conscriptæ sunt. De vetustis illis Septemtrionalium scrituris & linguis legendum insigne opus Georgii Hickesii Angli, de quo in altera hujusce voluminis Præfatione actum est.

### VIII. Langobardica

Verùm hæ longè minus ad institutum nostrum pertinent, quàm scripturæ Frangogallica & Langobardica, de quibus modo agendum est. nam Saxonica, quæ Gothica affinis, jam satis explicata notitia est apud Junium & Abrahamum Whelocum, qui Abrahamus nobis Beadæ historiam, saxonice ab Alfredo redditam, è regione latinæ versionis exhibuit. Jam vero in distinguendis Langobardicis elementis diu multumque me hæsisse fateor, quoniam auctores, qui de his certa tradiderint, non inveniēbam. Occurrebat quidem Gersonis locus de hoc scripturæ genere<sup>28</sup>: *Littera sit legibilis, sit punctuata, sit purgata, qualis est Lombardorum, non involvens se tractibus superfluis, &c.* Sed id ab eo dictum existimo de scriptura tunc temporis apud Lombardos usitata, quæ ad Italicam nostram accedebat, non ad veterem illam Langobardicam, quæ non ita *legibilis est aut purgata*. adeo ut Gregorii VII. diploma, Langobardicis litteris scriptum pro coenobio sancti Michaëlis in Piceno, Vincentius Borghimius *latinis characteribus legibile reddiderit* Camaldulensibus, referente Augustino monacho<sup>29</sup> in historia Camaldulensi. His ambagibus non nihil lucis afferebat Salmasius<sup>30</sup>, qui locum Varronis emendat, in quo legitur inceptis rebus pro incertis: *cujus emedationis hanc reddit rationem, quod p & r in caractere, quem vocant Longobardicam, quo plerique libri veterum scripti reperiuntur, scripturâ planè affines sint.* Verum id etiam in Saxonico animadvertere licet. Scioppius etiam in libro De Re Critica veteres libros caractere passim Langobardico scriptos esse existimat. Sed tandem hujusce characteris formam didicimus, tum ex bullis apostolicis antiquorum Romanorum Pontificum, tum ex sententia

<sup>25</sup> Sozom, lib. 6. cap. 37

<sup>26</sup> Grut, inscript. pag. CXLVI

<sup>27</sup> Grut. inscript. pag. CXLII

<sup>28</sup> Gerson. De laude script. Consid. 9.

<sup>29</sup> Augustin. Florenntin. Lib.2. part. Post. Cap. 9

<sup>30</sup> Salmas. De modo usur. Pag. 699.

Eminentissimum Cardinalis Casanatae, qui me ab hac inquisitione relevavit, submissâ chartâ Leonis Archiepiscopi Ravennatis in exemplum characteris Langobardici, de quo sollicitus eram. Accessit etiam Johannis Palatini specimen veteris scripturæ Langobardicæ, quæ aliquanto quidem aliis dissimilis est, quoniam hæc scriptura formæ paullo diversæ fuit pro temporum diversitate, immo pro scriptorum conditione. Alia quippe hominum forensium, alia litteratorum passim scriptura, tametsi unius generis. Id specimina nostra probant. Perseveravit hoc scripturæ genus apud Italos ad sæculum XII, ut patet, tum ex bulla Paschalis II. Dionysianis monachus concessa, tum ex Bibliotheca Casinensi, in qua opuscula Gaiferii caractere Langobardico ad annis circiter sexcentis exarata habentur, teste Johanne Baptista Maro<sup>31</sup> & Ughello<sup>32</sup>.

## IX. Francogallica seu Merovingica

Jam tandem veniendum est ad nostram Francogallicam, quæ varia fuit, ut apud alias nationes, pro ratione temporum. Qualis sub triplici Regum nostrorum stirpe fuerit, rectiùs docent specimina, quàm verba. In diplomatis Merovingicis uniformis ubique servatur, omnino consimilis ei, quæ exstat in ms. codice nostro pervetusto Hieronymi & Gennadii de scriptoribus ecclesiasticis. Ex eo codice expressimus specimen unum, simulque alterum ex ms. historia Gregorii Turonensis, qui quondam fuit Bibliothecæ Corbeiensis, modo Bibliothecæ ecclesiæ Parisiensis ex dono venerabilis viri Claudii Jolii Cantoris ejusdem ecclesiæ, quo illam commodato accepimus. Hunc codicem vidit, ac cum editis contulit vir diligentissimus Hadrianus Valesius, qui de eo ita præfatur in tomum secundum rerum Francicarum. *Hic Corbiensis codex unà cum præfatione nomen auctoris ac titulum operis præfert: verùm si initia librorum excipias, litteris planè barbaricis mediocrisque magnitudinis scriptus est, ita interseconnexis, & per quæam notarum compendia pluribus expressis, fere ut lectori sit divinandum. Nec mirum, si viro doctissimo tam insolens vita est istius scripturæ forma: cùm Monachus anonymus, qui chronicon sancti Michaëlis<sup>33</sup> agri Viridunensis scripsit sæculo XI fateatur Wlfoaldi Comitis, ejus loci conditoris (qui sub postremis Merovingici Regibus vixit) testamenta ita jam tum *vetustate confecta* fuisse, ut *vix nisi rescriptorum adminiculo legi non potuerint*. Idem sæculo X. contestatus est vetus auctor Gallus, in libello de gestis sancti Beregisi Abbatis<sup>34</sup> Andaginensis, ubi ejusmodi scripturam *barbaricam* vocat, quæ pro difficultate vix legi queat. Nam agens de charta donationis, Andaginensi ecclesiæ factæ Theoderco Rege, infit: *Cùm ergo hanc discuterem. et pro difficultate barbaricæ scripturæ non facillè penetrarem; adverti tandem in ultimo, quod ipsa proponebat, in quinto anno Theodorici Regis editam fuisse.**

<sup>31</sup> Marus in cap. 29 Perri diac. De vir. Illust. C sin.

<sup>32</sup> Ital. Sac. Tom. 7. Col. 1372.

<sup>33</sup> Analect. Tom. 2 pag. 38.

<sup>34</sup> Sac. 4. Bened. Part 1. Pag. 94.

Quò minùs mirandum est, si nobis, qui longius ab illis temporibus distamus, difficilis & barbarica hæc scriptura videatur, quæ Merovingicis familiaris fuit. In pervetustis tamen illis codicibus, qui hoc Merovingico caractere scripti erant, uti inscriptiones sigillorum ac nummorum: immo etiam libri aliquando integri hisce Romanis litteris scripti sunt. Nescio an hoc characterum genere exaratar fuerint Plinii junioris epsitolæ in illo codice, de quo agit Aldus Manutius in epistola ad Aloisium Senatorem Venetum: qui in Galliam legatus, inde in Italiam reportavit Plinii epistolas *in membrana scriptas, atque adeò diversis à nostris caractetibus, ut nisi quis diu assueverit non queat legere.*

## X. Carolina

Prima stirpe extinctâ, Carolus Magnus litteras expolire coepit, aut certè jam tantisper expolitum scripturæ genus Merovingicum in elegantiores formas commutavit. Quæ principio nonnihil Merovingici characteris habebat intermistum; at subinde politior effecta, in eam tandem formam evasit, quæ hactenus minuti Romani characteris nomen retinet. Hanc tamen scripturæ formam, non Franci à Romanis, qui Langobardicis passim elementis tunc utebantur, sed à Francis Romani accepisse videntur. Aliud item scripturæ genus, ad Italicum prope accedens, Carolinis illis temporibus in usu fuit, maximè in diplomatis à Ludovico Pio, ut mox exponemus, cum initialibus litteris oblongis, quæ apud Merovingicos jam receptæ, sub Ludovico Pio longiores & politiores effectæ sunt. Denique Carolini Reges Romanum Characterem majorem in pristinam illam aureæ ætatis formam proximè revocarunt. Harum omnium, de quibus hactenus dictum est, scripturarum alphabeta & specimina suo loco exhibebimus.

## XI. An eadem scriptura in chartis & mss (manu scripta)

His expositis inquirendum est, qualem scripturæ modum in scribendis diplomatibus passim adhibuerint Franci Merovingici; qualem deinde Carovingi, ac qualem demum Capevingi supra annos quadringentos: tum de aliis Latinorum nationibus idem investigandum.

Scriptura diplomatum non semper æstimanda est ex scriptura veterum librorum. Unum quippe scripturæ genus, et quidem satis uniforme, in scribendis diplomatis & instrumentis adhibitum est, nempe Francogallica seu Merovingica (sic appello) scriptura, ut ex variis sæculi VII. autographis intelligimus. At in vetustis ejus ætatis libris sæpiùs Romana major occurrit, quàm illa Merovingica, quæ tamen in nonnullis codicibus deprehenditur. Talis est codex Corbeiensis Hieronymi & Gennadii libros de scriptoribus ecclesiasticis; talis etiam codex Jolianus, priores Gregorianæ historiæ libros sex

complectens. Temporibus item consequentibus ferè semper aliqua intercessit diversitas inter scripturam amanuensium vulgarium, & hominum forensium seu Notariorum publicorum, præterquam in litteris seu chartis synodicis sub secunda stirpe editis, quæ minuto Romano caractere in libris tunc usitato exaratae sunt. Unde ad dandam veterum scripturarum notionem, utriusque generis, id est chartarum ac librorum, specimina per singulas aetates disposita repræsentare visum est, ut ad hoc argumentum illustrandum, quidquid in nobis erit, conferamus.

## XII. Quænam usitata apud Francos sub prima stirpe in diplomatis

In diplomatibus Regum primæ stirpis versus primus litteris initialibus non ita pressim coacervatis & in longum diductis describi solet, ac in secunda stirpe. Hic autem versus continet ferè nudum Regis nomen cum vulgato elogio in hunc modum: CHLODOVIUS REX FRANCORUM VIR INLUSTER. quæ verba passim non pertingunt ad finem membranæ seu lineæ, cujus spatium vacuum plerumquem relinquitur. In diplomate tamen quodam Theodorici, Regis Chlodovei II. filii, tota quanta est membranæ longitudo litteris ejusmodi initialibus describitur: & in Placitis non raro primus versus integrè absolvitur litteris sensim imminutis. Post inscriptionem subsequitur diplomatis tenor minutioribus litteris Francogallicis usque ad finem contextus: dein litteris majusculis Rex subscribit. & è regione Cancellarius; aut certè sub eo, si membrana sit angustior. Attamen non raro solus suscribit Referendarius, aut Cancellarius seu Notarius in rebus minoris momenti, ut in litteris commutationum, & minorum causarum Placitis. Papebrochius sancti Maximini diplomatis Dagobertini auctoritate adductus existimat<sup>35</sup>, majores litteras (quas unciales vocat initio diplomatum ac fine in prima stirpe non fuisse in usu, sicut in secunda. At pauca invenias Merovingica monumenta, quorum primus versus & subscriptio regia exarata non sit majoribus litteris. Unum tamen in archivo Dionysiano inveni Childeberti Regis, cujus inscriptio iisdem litteris, quibus contextus constat. Cetera majusculis præferunt in principio ac in subscriptione Regis atque Cancellari. Inter omnes majoribus litteris nomina sua scribunt Theodericus Chlodovici secundi filius, ac Childebertus tertius, ut specimina nostra probant. Cancellarii nomini ac signo post aliquod intervallum adjicitur regium sigillum, Regis præferens imaginem, non in latus conversam, uti mos fuit secundæ stirpis Imperatorum ac Regum; sed rectam aut supinam, cum circulari epigraphe seu inscriptione Romanis characteribus expressa, quæ solum Regis nomen continent hoc modo: ✠ CHILDEBERTUS REX FRANCORUM. Denique in fine, videlicet in infima marginis ora, minutioribus, ut in contextu, litteris adjiciuntur

---

<sup>35</sup> Propyl. Num. 41.

chronologicæ notæ, & loci designatio, in quo diploma scriptum est. quod totam membranæ latitudinem adæquare solet, vocabulis ac syllabis plerumque ob id disparatis. Carolo M. sed maximè Ludovico Pio imperante, initiales litteræ ductiles & magis oblongæ invectæ sunt, totam membranæ longitudinem adæquantes: eodemque scripturæ genere, sed non ita oblongo pinguntur, nomina Regis & Cancellarii in subscriptione, præterquam in paucis, ut Hirminmaris Notarii specimen docet.

### XIII. Quæ sub Carolina & Capevingica

Regnante Carolo Magno scriptura Francogallica usualis paullatim (ut mox dicebam) immutari coepit, & in politioremodum evadere primùm sub Carolo Magno, dein sub Ludovico Pio, ac demum sub Carolo Calvo promiscuè adhibita est Romana minutior, & Carolina quædam, quæ ad Italicam nostram quodam modo accedit: illa quidem in ecclesiasticis chartis atque libris à principatu Ludovici augusti: hæc vero in regiis etiam diplomatis sub Carolo Calvo usque ad Carolum Simplicem: post quem illâ Carolinâ sensim obsolescente, servata est Romana, si tamen Romana dici potest utpote longis ductibus sæpiùs foedata, ut in littera *o* aliisque, maximè sub Lothario Rege. Ineunte Capetiorum principatu paullatim restitui coepit, retentis tamen sinuosis & oblongis litterarum ductibus, qui in libris mss. non ita frequentes occurrunt. Idem ferè scripturæ modus viguit in diplomatis ad S. Ludovicum, in quo consistimus. Etsi vero sub priis Carolinæ stirpis Regibus contextus diplomatum Francogallis litteris exaratus sit: alio tamen passim caractere, instar Romani minutioris; aliquando majore, ut in diplomate Odonis Dionysiano, scripta est *Data*, id est chronologica nota, in membranæ margine inferiori. Ceterum in Cancellaria (quod maximè observandum) uniformis fermè scriptura pro tempore servatur, id est in Regum diplomatibus; secus in chartis privatis, quæ à plebeis Notariis scriptæ sunt.

### XIV. Item in mss (manu scripta)

In libris describendis non defuit etiam sua scripturæ mutatio. nam usque ad sæculi VI. finem, immo ad medium VII. apud Francos veteris scripturæ Romanæ perennavit usus; tum quæ in diplomatis per id tempus obtinuerat Francogallica, in artem etiam librariam propagata est. Post hæc paullatim (ut sit) invectus est novæ scripturæ Romanæ modus, quo usi sunt librarii plerique, tametsi usque ad Caroli Calvi principatum Scriptura Francogallica ab aliis nonnullis servata est, Langobardica à paucis, ut patet ex subscriptionibus synodi Suessionicæ, quas inferiùs exhibebimus. In nonnullis tamen codicibus

ad pompam scriptis adhibita est scriptura illa Romana major: qualis exstat in præclaro libello precum Caroli Calvi, aureis litteris majoribus exarato, qui modò servatur in Bibliotheca Colbertina.

## XV. Interpunctiones an & quando usitatae

In scribendis vero tum diplomatibus, tum libris, post auream Latinorum ætatem, qui singula vocabula singulis punctis distinguebant; nulla ferè verborum distinctio à Notariis facta est usque ad Carolum Magnum, qui procurante Alcuino punctorum distinctiones vel subdistinctiones restituit. Hoc in negotio Princeps piissimus adhibuit Paulum Warnefridi & Alcuinum Diaconos Peritissimos: in quibus ille homilias per annum legi solitas, & aliquot Augustini epistolas; hic vero librum, qui COMES appellatur, interpunctionibus illustrarunt. Interpunctionum tamen ille usus seriùs in diplomatibus obtinuit: in libris verò ita observatum est ab annis ferè octingentis, ut interpunctio in inferiori parte extremi vocabuli, virgulam; in media duo puncta. in superiori punctum seu sensum finitum designaret, aliquando tria puncta. quæ sane distinctio apud accuratos amanuenses obtinuit, secus apud rudes. Lege sis Allatii animadversiones<sup>36</sup> ad fragmenta Etrusca. Ante Carolum M. Ieronymus quidem translationem suam biblicam propter simplicitatem fratrum colis & commatibus ordinavit, ut testatur Cassiodorus<sup>37</sup>, & Hieronymus ipse in præfatione ad Isaïæ versionem. Sed qualis fuerit illa distinctio, & an fuerit obsevata ab aliis non liquet. Certe neque aureis temporibus verborum accurata illa ex punctis distinctio ab omnibus fiebat. Siquidem Octavius Augustus, ut ex ejus chirographo observavit Suetonius<sup>38</sup>, *non dividebat verba, nec ab extrema parte versuum abundantes litteras in alterum transferebat, sed ibidem statim subjiciebat circumducebatque, quod postremum nostrates in scribendis epistolis non rarò faciunt.*

## XVI. Germanorum & Anglosaxonum scriptura

Apud Germanos & Alamannos eadem scripturæ forma temporibus Carolinis subsequentibusque servabatur, atque apud Francos, quippe qui eodem imperio continebantur. Hanc scripturæ formam exhibent diplomata, quorum nonnulla hîc exhibebimus. Tremula porrò scriptura, in majoribus saltem litteris, invecta est imperantibus Ottonibus, sæculo X. Apud Anglosaxones verò Saxonica scriptura vixit usque ad Guillelmi Conquæstoris principatum, quo tempore factum est, ut *modus scribendi*

<sup>36</sup> Allat. Num XLVII & seqq.

<sup>37</sup> Cassiod. De divin. Lect. Cap. 12.

<sup>38</sup> Sueton. In. Oct. Num. 87.

*Anglicus omitteretur, & modus Gallicus in chartis & in libris omnibus admitteretur, testante Ingulfo in Historia Croylandensi.*

## XVII. Bullarum pontificiarum

Denique in litteris Pontificiis frequentata fuit scriptura Langobardica, qualis est scriptura epistolæ Hadriani Papæ I. in tabella secunda ectyporum nostri Supplementi; & in speciminibus bullarum Benedicti III. & Nicolai I. quæ hîc in libro V. videre licet. Ejusmodi porrò scriptura nostratibus etiam sæculo XI. vita est adeò lectu difficilis, ut unus apud Turonos repertus sit Bartholomæus Majoris-monasterii Abbas, qui bullam Gregorii V. pro basilica sancti Martini legere potuerit, propterea quòd *Romana littera* scripta erat. Hanc bullam, prout ab eodem Abbate recensita est, cum ipsius Abbatis testimonio in Appendice referemus ex ejus authentico, à venerabilibus sancti Martini Canonicis mihi communicato.

## XVIII. Tironis notæ an receptæ in chartis

Ad hoc etiam argumentum pertinent compendiosæ illæ Tironis notæ, quibus loquentem scribendi celeritate veteres adæquabant. Nam in plerisque primæ ac secundæ stirpis regiis diplomatibus Cancellarii seu Notarii ad tesseram chirographariam varias notas adungere solent, quales etiam exstant in privatorum chartis nonnullis, ut in principio ac fine chartæ Rotberti Comitum pro ecclesia Sancti Martini Turonensi. De his notis intelligendus est Apollinaris Sidonius,<sup>39</sup> qui de Riochato *antistite ac monacho* Britanno agens, à quo Fausti libros quosdam raptim describenos acceperat: *Tribuit et quoddam, inquit, dictare celeranti scribarum sequacitas saltuosa compendium, qui comprehendabant signis, quod litteris non tenebant.* Hic est sine dubio Riochatus, cujus memoria celebratur in veterrimis Litanis Anglicanis, quas in tomo II. veterum Analectorum<sup>40</sup> edidimus. Ceterùm notas illas Tironianas ante annos quingentos explicavit Petrus Diaconus, monachus Casinensis: cujus liber hac de re typis mandatus est, antequam Gruterus easdem notas proferret in lucem. Earum specimen, alphabetico ordine digestum, ex Psalterio nostro Germanensi suo loco postea exhibebimus. Alio notarum genere usus est Octavius augustus, qui<sup>41</sup> *quoties per notas scripsit, b pro a, c pro b, ac deinceps eadem ratione sequentes litteras posuit: pro z autem duplex a a.*

<sup>39</sup> Sidon. Lib. 9. Epist. 9.

<sup>40</sup> Analect. Tom. 2. Pag. 669.

<sup>41</sup> Sueton. In. Oct. Num. 88.

## XIX. De punctis in litteris *i* & *y*, ac sillaba & inter vocabula

Hic locus postulare videbatur, ut de orthographia sermonem institueremus. Verùm quoniam frequenter orthographia ad stilum accedit, eam in librum sequentem commodius remitteremus. Sed antequam hinc pedem moveam, nonnihil observare juvat de litteris *i* & *y*, quarum illa in vetustis monumentis nusquam cum puncto præfixo: hæc verò frequenter cum puncto in medio, immo aliquando cum singulis punctis in utroque apice adscriptis (quamquam aliquando etiam sine ullo puncto) occurrit. Porro minutæ litteræ *i* accentus acutus superponi coepit sæculo XIII. ut patet ex variis ejus ævi mss. quorum unum est Henrici Justelli, continens versionem gallicam bibliorum duobus tomis, anno M CC XCIV exaratam. Perseveravit iste usu, non tamen ubique semper, ad finem sæculi XV. quo tempore idem ferè accentus etiam litteræ *u*, more Belgis etiam nunc usitato, adhibitus est. Ceterum ab eodem sæculo ineunte littera *i* puncto (quod nos modò retinemus) insigniri coepit. Ita observare licet in mss. libris de imitatione Christi, Mellicensi anni CCCCXXI. Germanensi nostro anni M CCCC LX. Saltzburgensi anni MCCCCLXIII cùm in autographo Kempensi anni MCCCCXLI. accentus superponatur Nescio an aliquod sit operæ pretium adnotare, syllabam, &, uno ductu scriptam, non raro in vetustis mss. & instrumentis ante annos quingentos non modò solitariè, sed etiam intra ipsa vocabula reperiri, ut in retinet. at hunc usum desiisse sæculo XII. Et uidem id ita habetur in voce etiam, nempe in charta Arnulfi Comitis de ecclesia sanctæ Walburgis apud Chisneium pro coenobio Mettensi sancti Arnulfi, quæ charta data est anno Incarnationis Domini MCXCVII. In eadem charta observare licet litteras duplices *w* simul insertas in vocabulis *Ludowicus* & *Walburgis*, secus atque in sæculo IX. ubi distincte expriminuntur. Ad hæc litteram *u* modò quadratam, modò acuminatam esse hoc modo V, etiam intra vocabula, sed nullâ habitâ ratione consonantis aut vocalis.

## XX. De modo punctandi seu interpugnendi apud veteres<sup>42</sup>

Juverit hoc loco quædam addere de ratione punctandi seu interpugnendi, quâ veteres utebantur. Hoc de argumento breve scriptum à nobis repertum est in codice Valumbrosani Etruriæ monasterii, in quo punctorum octo genera distinguuntur: scilicet punctus suspensivus, coma colum, periodus, gemipunctus, semipunctus, interrogativus, & exclamativus seu admirativus. Suspensivus est simples

<sup>42</sup> NT: A primeira edição da obra, publicada em 1681, apresenta o capítulo XI com 19 parágrafos, sendo o final do parágrafo XIX o fechamento do capítulo e, conseqüentemente, do primeiro livro. Na segunda edição, já do começo do século XVIII, houve a inclusão de um vigésimo parágrafo, para falar sobre a pontuação entre os antigos.

virgula, quæ solet quietis gratiâ poni, antequam sensus clausulæ sit completus. Cõm est punctus planus, qui ponitur in fine clausulæ, quando totus sensus completus est. Coma componitur ex his duobus, puncto scilicet plano, supra quem ponitur virgula in modum punctuli suspensivi. Et hoc utimur, cum clausula videtur esse completa; sed ex scribentis intentione aliquid est addendum. Periodus est punctus multiplex, quem in fine capituli vel totius orationis solemus apponere in huic modum: cùm nihil ulterius est dicendum. Gemipunctus exprimitur per duos punctos planos sic.. quo solemus uti in epigrammatis & titulis epistolarum loco propriorum nominum, vel brevitatis gratiâ, vel in nominis quod ignoramus supplementum. Semipunctus est virgula jacens hoc modo -, quæ apponitur in fine lineæ, cùm ibidem dictio completa non est, sed in sequentem transit. Quid sit punctus interrogativus, quid exclamativus seu admirativus, omnes norunt. Hæc ex brevi illo scripto, quod fortè in Appendice libri VI. si tanti est, referemus

# JEAN MABILLON SOBRE A DIPLOMÁTICA LIVRO PRIMEIRO

## CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

### I. Os vários gêneros de escritas antigas

Antes da invenção da escrita, dizem que, *primeiramente, o Egito representava os sentidos da mente através de figuras de animais, e eles chamam a si mesmos de inventores das letras*. Em seguida, vieram os Fenícios; porque eram poderosos no mar, eles introduziram a glória e as aquisições para a Grécia<sup>43</sup>, assim como teriam encontrado as coisas que tinham aceitado. Em qualquer medida que esteja no lugar de Cornélio Tácito<sup>44</sup>, vários gêneros teriam existido continuamente entre os antigos Latinos, e de várias formas e espécies. Naturalmente, um modo de escrever se manteve entre os romanos, e outro junto a outras nações. Devido a esta diversidade de nações, geralmente, é lícito enumerar tantos modos de escrever, mesmo que vários sejam de todas as nações pela variedade dos tempos. Quatro gêneros de escrita costumam ser enumerados: a saber, são eles a Romana antiga<sup>45</sup>, a Gótica<sup>46</sup>, a Anglo-Saxônica e a Lombarda. Mas esta divisão não é a adequada, uma vez que existem todas as espécies de escritas para aqueles gêneros, que foram abandonadas por nós nos livros e monumentos antigos<sup>47</sup>, e, por isso, não

---

<sup>43</sup> NT: Os fenícios ocupavam o antigo território de Canaã (atualmente grande parte do território do Líbano, por volta de 1200 a. C.) e estavam distribuídos por várias cidades (ou Cidades-estados similares à Grécia Antiga, com uma unidade política independente), que não se ligavam entre si, mas controlavam os territórios adjacentes. O seu poder foi garantido através do seu poderio naval, que garantiram um amplo sistema de circulação e intercâmbio; uma das principais cidades, Tiro, foi fundamental para o estabelecimento de colônias fenícias no Ocidente. Uma das principais rotas comerciais fenícias ligava a cidade de Sídón à ilha de Creta. Ainda, o alfabeto fenício (considerado um dos primeiros alfabetos consistentes desenvolvidos, composto de 22 letras) foi adotado e modificado pelos gregos o século VIII a.C.

<sup>44</sup> NT: Cornélio Tácito (lat: Cornelius Tacitus) (56-c.117), senador e historiador romano, conhecido por sua atuação com a política e, sobretudo, com a retórica, oratória e historiografia. Sua principal obra, *Annales*, retrata a história do Império Romano no século I d.C., além de retratar momentos da Antiguidade.

<sup>45</sup> NT: A chamada escrita romana antiga (séculos VIII-III a.C.), também pode ser chamada 'capital' ou 'maiúscula', por representar o módulo grande das letras. Existe também a denominação 'lapidária', uma referência ao hábito de gravar mensagens nas pedras; entretanto, não se pode confundir-la com a dita escrita 'epigráfica monumental', consolidada a partir da época do Imperador Augusto e encontrada, sobretudo, nas inscrições epigráficas espalhadas pelas províncias do Império Romano.

<sup>46</sup> NT: A escrita gótica é aquela que sucede a carolina, da qual provém diretamente. Também é uma escrita adorada em outras nações e se destaca por seus traços característicos, especialmente seu perfil anguloso. Surge, entre outros motivos, pela criação dos estudos gerais, a industrialização da escrita, a secularização da cultura e o predomínio do papel como suporte de escrita em detrimento do pergaminho.

<sup>47</sup> NT: Cabe uma observação sobre os documentos. Mabillon identifica cinco principais suportes materiais para a escrita: pergaminho (pele de animal própria para escrita), papel (feito a partir da madeira), papiro, chumbo (como o usado nos selos) e papel (produzido a partir de trapos).

podem ser trazidos de volta à vida. O romano Giovanni Battista Palatino<sup>48</sup> cuidou que vários tipos dessas escritas fossem retratados no século seguinte<sup>49</sup>, sem dúvida a escrita<sup>50</sup> de Chancelaria<sup>51</sup> romana<sup>52</sup>, e também a Romana mercantil, Florentina, e outras, a escrita das bulas<sup>53</sup> apostólicas, a escrita Napolitana, a escrita (que chamam) Incisa<sup>54</sup>, a Notaresca<sup>55</sup>, a Franciscana, a Hispânica, a Lombarda, a escrita dos Flâmines, a escrita Teutônica ou Tudica, e outras geralmente incertas<sup>56</sup>. Um certo veneziano cuidou que escritas similares fossem retratadas naquele mesmo tempo. É verdadeiro que todos estes gêneros de escritas são dos tempos presentes, não dos antigos, sobre os quais aqui investigamos. Reinando Carlos IX<sup>57</sup> na França, tinha sustentado essa resolução Pierre Hamon<sup>58</sup>, *secretário do aposento régio, que retratou de forma extraordinária vários modelos de escritas de vários arquivos e bibliotecas como expusemos no Prefácio*<sup>59</sup>. Mas ele abandonou a sua obra inacabada, desconheço por qual razão, e retratou poucos alfabetos e modelos dos Latinos, que não vieram em seus usos públicos. Diz-se que James Bonaventure Hepburn<sup>60</sup>, que cuidou para que uma tábua em bronze fosse esculpida e forjada com o

<sup>48</sup> NT: Giovanni Battista Palatino (lat: *Johannes Baptista Palatinus Romanus*) (c. 1515–c. 1575), calígrafo italiano, foi conhecido por ser um dos principais mestres da escrita (caligrafia) no Renascimento. Sua principal obra *Libro Nuovo d'imparare a scrivere tutte sorte lettere antiche e moderne di tutte nationi* foi considerada como uma das referências renascentistas sobre a escrita.

<sup>49</sup> NT: Ou seja, no século XVII, uma vez que o autor viveu no século XVI.

<sup>50</sup> NT: Mabillon estabelece uma distinção entre o que os paleógrafos mais recentes denominaram 'caligrafia de chancelaria' e 'caligrafia livraria'. A primeira é dividida em dois tipos: uma forma de caligrafia usada para as transações comerciais que poderia se assemelhar às letras góticas e foi adotada por chancelarias reais e ducais; a outra teria sido desenvolvida no Vaticano, mas baseada na minúscula humanista (baseada na minúscula carolíngia) e seria a versão manuscrita dos caracteres tipográficos que reconhecemos como itálico. A segunda é a caligrafia concebida principalmente para a legibilidade e beleza, sendo normalmente utilizada na transcrição oficial de manuscritos destinados a conservação antes do advento da impressão.

<sup>51</sup> NT: A chancelaria é a repartição onde se põe a chancela ou o selo em documentos, diplomas, etc. O termo também se refere à unidade do serviço público onde se aplica o selo do Estado em documentos que o exigem.

<sup>52</sup> NT: A escrita de Chancelaria é uma escrita especial documentária, elaborada nas oficinas encarregadas da confecção e expedição de documentos. Trata-se de uma escrita usual, que se dota de solenidade no seu traçado e nas formas, revestindo-se de artificialidades convencionais.

<sup>53</sup> NT: No caso, trata-se dos selos apostólicos.

<sup>54</sup> NT: De acordo com o *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, a '*littera rognosa*' apresentou como definição 'incisa', ou seja, gravada diretamente numa superfície. Infelizmente, não foi possível encontrar uma tradução melhor para esse termo. Ainda, a entrada no dicionário online indica como referência o próprio texto de Mabillon (Mabill. Diplom. lib. 1. cap. 1).

<sup>55</sup> É possível que a escrita *notaresca* possa estar relacionada com área onde se localiza atualmente a comuna de Notaresco, na região de Abruzzo, no sul da Itália.

<sup>56</sup> NT: O autor apresenta os alfabetos e suas respectivas escritas na obra, disponível no domínio Internet Archive. .

<sup>57</sup> NT: Carlos IX da França (lat: *Carolus IX*) (1550–1574), rei da França, filho de Henrique II e Catarina de Médici.

<sup>58</sup> NT: Pierre Hamon (lat : *Petrus Hamon*) (1530–1569), calígrafo francês, escreveu *Alphabet de plusieurs sortes de lettres e L'Alphabet de l'invention des lettres en diverses écritures* (1561)

<sup>59</sup> NT: No prefácio da obra, Mabillon faz uma breve referência a diversos documentos e bibliotecas que serviram de consulta para a escrita do livro. Alguns desses documentos são apresentados no Apêndice da obra.

<sup>60</sup> NT: James Bonaventure Hepburn (lat: *Jacobus Bonaventura Hepburnus Scotus*) (1573–1620 ou 1621), linguista, lexicógrafo, filólogo e comentarista bíblico escocês, foi responsável pela publicação do *Virga Áurea*, um estudo sobre vários tipos de alfabeto.

*estatuto privado do sumo Pontífice e o poder dos superiores por Filippo Tomasio<sup>61</sup> sob a seguinte inscrição: O livro **Virga Aurea**<sup>62</sup> (ou *A Celeste Haste Áurea da Beata Virgem Maria em setenta e dois louvores, de autoria do frade escocês Jacob Boaventura Hepburn: nele estão contidos setenta e dois alfabetos de muitos diversos caracteres, todos enfeitados de figuras. Não me foi permitido ver esta tábua: mas se aquilo sei a partir de Worm*<sup>63</sup>, junto ao qual li estas coisas, entendo, em parte, sobre os Orientais, em parte também que existem, desta maneira, alfabeto dos Latinos mais recentes. Um argumento íntegro resta sobre os antigos, como incumbe e nos é permitido explicar com a sabedoria rude.*

## II. A divisão adequada

De todos os gêneros de escritas mencionados acima, apenas quatro espécies antigas pertencem ao nosso propósito, precisamente: a saber, a antiga Romana<sup>64</sup>, a Gótica, a Lombarda<sup>65</sup> e a Saxônica<sup>66</sup>. Aquela escrita Romana se manteve junto a Romanos e Itálicos nos tempos áureos<sup>67</sup>, e vigorou até o século V. Naquele momento, quando os Godos puseram a Itália sob o seu jugo, ainda, por algum tempo corromperam as letras romanas com as letras góticas. Então, no século VI, quando os

<sup>61</sup> NT: Filippo Tomásio (século XV), um frade de Florença, da ordem dos Carmelitas, citado por Mabillon na obra *Acta Sanctorum quotquot totó orbe coluntur...* (1734).

<sup>62</sup> NT: É um livro composto pelo monge escocês Jacques Boaventura Hepburn, bibliotecário do Papa Paulo V, em 1616, em Roma. Consiste de uma lista de setenta e dois alfabetos (na verdade, setenta, mais latim e hebraico). Alguns destes alfabetos são conhecidos nas línguas antigas, por exemplo, o grego, o *Hibernian*, os alfabetos germânicos, fenícios, etc, enquanto a obra apresenta também outros alfabetos mágicos, como o Angélico, Seráfico, de Salomão, etc. É, portanto, uma enciclopédia do simbolismo alfabético.

<sup>63</sup> NT: Ole Worm (lat: *Olaus Wormius*) (1588-1654) foi um físico, historiador natural e antiquário, caracterizando-se principalmente por seus estudos sobre a literatura nórdica e as inscrições rúnicas, dedicando-se também a tratados sobre alfabetos rúnicos.

<sup>64</sup> O período da escrita romana antiga durou até o século II d.C. e englobou os seguintes tipos de letras: capital rústica, capital quadrada (ou elegante), cursiva romana antiga (com base em maiúsculas).

<sup>65</sup> NT: Nessa passagem, Mabillon identifica de forma errônea como escrita lombarda o que é, na verdade, a escrita beneventana, ou seja, de uso do Duque de Benevento. De acordo com as pesquisas, essa escrita não se originou com os Lombardos, sendo um desenvolvimento da escrita cursiva usada nas chancelarias provinciais romanas da Baixa Antiguidade (como a maioria das escritas da Península Itálica); essa escrita beneventana permaneceu dominante no sul da Itália até o final do século XII de nossa era, quando foi substituída pela escrita proto-gótica, por sua vez, baseada na escrita Carolina. A escrita carolina, ao contrário do que sugere Mabillon, foi adotada nas Itália sententrional e central a partir dos anos 800.

<sup>66</sup> NT: A escrita anglo-saxônica, também chamada de 'inglesa' ou 'saxônica', caracteriza-se pela mistura da escrita nova romana (ou seja, a semiuncial, escrita menos elegante, com letras menores e verticais) com os elementos insulares (irlandeses, anglos e saxões). Ela se encontra incluída no grupo de escritas insulares, ou seja, os modelos de escrita que, sem sair do território insular, recebem a cultura latina por diferentes caminhos, que incluem até mesmo a própria escrita e a conversão ao Cristianismo.

<sup>67</sup> NT: De acordo com Mabillon, esse período de tempos áureos engloba toda a era do Império Romano, do seu começo (27 a.C) até a queda, decorrente das invasões bárbaras (476 d.C). Suas evidências vieram de inscrições epigráficas e documentos encontrados em autores clássicos e pós-clássicos, como Cícero, Tácito, Santo Agostinho e São Jerônimo

Lombardos se espalharam pela Itália, a escrita Lombarda tomou lugar para o uso comum. Assim, aquela escrita Romana se manteve corrompida nas cópias de livros por algum tempo, precisamente até o século VIII. Por exemplo, após este tempo, a escrita Romana foi completamente preservada nas inscrições dos livros, excetuados vários livros descritos para a pompa e em graça das pessoas dos príncipes. Assim, então, a escrita Lombarda<sup>68</sup> se manteve junto aos Itálicos até o século XII. A partir daquele tempo, ela foi desenvolvida para aquele modo de senso mais refinado, o qual, agora, é mais recente que a Romana. Estas coisas aconteceram junto aos Romanos.

### III. A escrita antiga dos gauleses

Os Visigodos<sup>69</sup> na Hispânia empregaram a escrita Gótica: por sua vez, os Bretões, ou Anglo-Saxônicos, usaram a escrita Saxônica. Mas qual gênero de escrita usaram os Gauleses, Germanos e outros povos setentrionais? Consta que existiu um gênero próprio de escrita, como idioma, entre os Gauleses antes da chegada dos Francos<sup>70</sup>. Mas nenhum dos monumentos daqueles tempos foram conservados, exceto por várias inscrições sepulcrais, a partir das quais Bouteroue<sup>71</sup>, no seu livro *De Re Monetaria*, tentou desvendar o antigo alfabeto dos Gauleses. Exibiremos aqui o alfabeto, qualquer que aquele seja, a seu turno<sup>72</sup>. Uma inscrição sepulcral aparece no livro *Itinere Nostro Italico* de Gordiani

---

<sup>68</sup> NT: Apresenta-se aqui uma breve explicação para o nome. De acordo com a obra *Origo Gentis Langobardorum* (Origem dos Povos Lombardos), os lombardos se originam da pequena tribo dos vinilos, que habitavam o sul da Escandinávia e estavam divididos em três grupos, sendo que um deles abandonou sua terra natal para procurar terras estrangeiras (devido à superpopulação) e assim chegaram às margens da terra de Scoringa (na costa do mar Báltico ou às margens do rio Elba), então dominada pela tribo germânica dos vândalos. Recusando-se a pagar um tributo para a concessão das terras, escolheram a guerra. Aconselhadas pela deusa Freia, as mulheres vinilas amarram seus cabelos no rosto e marcham ao lado de seus homens, o que lhes deu o aspecto de homens de barba longa, o que lhes atribuiu a denominação de *langobardos*, posteriormente italianizado como lombardos. Paulo, o Diácono, cuja referência aparece mais tarde, escreveria a sua obra *Historia gentis Langobardorum* (História dos Povos Lombardos) baseada na *Origo*.

<sup>69</sup> NT: Os visigodos são uma das ramificações dos povos godos, cujo nome significa 'godos do oeste', para se diferenciarem dos ostrogodos ou 'godos do leste'. Sua origem está nas margens do Mar Negro, na atual Romênia, constituindo um dos vários povos germânicos (ou bárbaros) que ocuparam o território do Império Romano do Ocidente. Por volta dos séculos II e III, os godos abandonam seu território natal e se deslocam em direção a Roma, como um dos povos federados do Império. Os visigodos já haviam assimilado vários costumes romanos por conviverem com as legiões estacionados no rio Danúbio. A partir do século V, os visigodos entraram na Hispânia como aliados dos romanos e os ajudam a manter a Península Ibérica a partir do século VI. Com a derrota e expulsão dos visigodos no sul da França, os visigodos se concentram na Península Ibérica, até serem expulsos pelos árabes no século VIII.

<sup>70</sup> NT: Os Francos são uma confederação de tribos germânicas; entraram, primeiramente, na Gália no terceiro século de nossa era, embora não tenham estabelecido um reino Franco até aproximadamente 496, durante o reinado de Clóvis I (481–511).

<sup>71</sup> NT: Claude Bouteroue (lat: *Claudius Boterovius*) - (1620–1680) foi um cavalheiro francês do século XVII, cuja família serviu a Coroa francesa por gerações. Foi responsável pela publicação de um estudo de numismática francesa, intitulado *Recherches curieuses des monnayses de France depuis le commencement de la monarchie* (1666).

<sup>72</sup> NT: Aparentemente, de acordo com o relato de Mabillon, Bouterouë apresenta esse alfabeto da 'primeira linhagem dos gauleses que também aparece no livro V da obra *De re diplomatica*. Ele seria uma mistura das letras gregas e latinas (no qual, junto com a antiga escrita itálica similar ao etrusco, as inscrições gaulesas antigas sobreviveram), embora as

Galli, que foi encontrado naquele antigo gênero de escrita dos Gauleses. Após o avanço dos Francos nas Gálias<sup>73</sup>, os Gauleses parecem ter usado um gênero dúplice de escrita: um Romano, de tal forma que é encontrado em muitos e antiquíssimos manuscritos; o outro, mais diminuto, presente em diplomas<sup>74</sup> e alguns livros redigidos, que observamos ter existido nos diplomas e documentos, em todo o lugar, sob a linhagem merovíngia<sup>75</sup>. É permitido nomear esta escrita como *Franco-Gálica* ou *Merovíngia*, que, há muito tempo, considera-se bárbara por causa da dificuldade e da rudeza de suas letras. Gradualmente, ela se tornou mais elegante nos tempos carolíngios<sup>76</sup>, em que duas espécies de escrita preservaram-se, especialmente junto aos nativos: uma, aproximando-se à forma de nossa escrita Itálica, como é depreendido em vários diplomas de Carlos Magno e em todos os de Luís, o Piedoso<sup>77</sup> e Carlos Calvo<sup>78</sup>: e, por causa disso, ela pode ser chamada Carolina. A outra, comum de ser consultada em livros a serem transcritos e em cartas sinódicas<sup>79</sup>, que se distancia paulatinamente da forma de romana minúscula. Estas foram as nossas considerações sobre os gauleses. A escrita *Rúnica*, certamente, prevaleceu junto aos dinamarqueses, distanciou-se daquela Gótica, que Úlfilas<sup>80</sup>, bispo dos Godos<sup>81</sup>, é lembrado por tê-la introduzido. Embora a escrita Rúnica seja considerada gótica, por essa causa, os

---

fontes de informações sobre ele sejam muito vagas. Mabillon supõe que Bouteroue tentou elucidar os mistérios do alfabeto gaulês sem ter a confirmação de veracidade nas informações a respeito desse alfabeto.

<sup>73</sup> NT: Na Antiguidade, a província da Gália era dividida em partes, conforme informa César na obra *De Bello Gallico* e outros historiadores antigos: a Gália Narborensis ou Transalpina; a Gália Transpadana, Cisalpina ou Citerior; Gália Aquitânia ou apenas Aquitânia e, posteriormente, a Gália Bélgica (que daria origem à Bélgica).

<sup>74</sup> NT: No latim clássico, o diploma era uma carta oficial autorizando viagens (como um passaporte) ou um documento concedendo direitos e privilégios. Na era medieval, o termo continuou com o sentido de documento oficial, particularmente emitido por autoridade real ou papal. No caso da obra de Mabillon, diploma relaciona-se com o estudo acadêmico de documentos antigos.

<sup>75</sup> NT: A linhagem da dinastia merovíngia foi fundada por Meroveu, líder dos francos sálios (subgrupo dos antigos francos que viva ao norte das fronteiras do Império Romano, considerada como a primeira tribo germânica vinda de fora das fronteiras que se estabeleceu de forma permanente em Roma). Gregório de Tours é considerado como a fonte escrita mais importante sobre ele, de modo que o autor registrou Meroveu como descendente de Clódio, rei semi-lendário franco. Pai de Quílderico I e avô de Clóvis I.

<sup>76</sup> NT: A dinastia Carolíngia teve o seu começo com o rei Pepino III, embora seu pai, Carlos Martel, já fosse poderoso (embora não fosse rei). O representante mais lembrado dessa dinastia é, sem dúvida, Carlos Magno, filho de Pepino III. Os carolíngios (descendentes de Carlos Martel) tomaram o poder dos merovíngios, primeiro sob o reinado de Pepino III (751–68), cujo filho Carlos Magno expandiria o reinado franco para incluir a Saxônia, e partes do norte da Itália e nordeste da Espanha.

<sup>77</sup> NT: Luís I ou Luís, o Piedoso (lat: *Ludovicus Pius*) (778–840), Rei dos Francos e Imperador Germânico-Romano, filho de Carlos Magno.

<sup>78</sup> NT: Carlos, o Calvo (lat: *Carolus Calvus*) (823–877), Rei da França Ocidental e Imperador Germânico-Romano, filho de Luís, o Piedoso.

<sup>79</sup> NT: Pertencentes a um sínodo (um encontro de padres, com autoridade para decidir assuntos legais ou administrativos) ou um conselho da Igreja.

<sup>80</sup> NT: Úlfilas (311–383), bispo godo, de linhagem goda e grega da Capadócia, viveu no auge da controvérsia ariana e traduziu a Bíblia do grego para a língua gótica. Ele é considerado o criador do alfabeto gótico, baseado no alfabeto dos getas, um povo que vivia na região equivalente à atual Bulgária.

<sup>81</sup> NT: Os godos eram uma tribo germânica, cuja origem é controversa. São mencionados pela primeira vez no final do século I de nossa era, habitando a região da atual Polónia, e também outras áreas próximas ao Mar Negro. Ao encontrar com o Império Romano, no século IV, dividem-se em ostrogodos (que se estabelecem na Península Itálica e Panónia e são derrotados pelos bizantinos no século VI) e visigodos (que se estabelecem na Gália e Hispânia e são derrotados pelos árabes no século VIII).

Getas ou Godos a utilizaram antes e depois das letras úlfilas. Finalmente, a princípio, parece verdade que os Germanos se habituaram às letras Góticas; em seguida, àquelas mesmas letras, que dissemos terem sido de uso dos nossos nativos Francos; ao passo que, acima de tudo, inventaram a própria escrita *teutônica* ou *tedesca*<sup>82</sup> totalmente para si. De outra forma, nosso Générard<sup>83</sup> percebeu essas particularidades, uma vez que ele voltou até o ano 428 d.C.<sup>84</sup>. Ele revelou estas coisas de memória: uma vez que os Germanos não fossem aptos dos conhecimentos, mais precisamente por 800 anos; isto é, conforme eles próprios afirmam desde a época de Carlos Magno<sup>85</sup>, começaram a transcrever sua língua para as letras, e com a religião cristã, receber as artes como se não fossem desejadas, e, então, ali utilizariam aquelas letras naquele tempo. Os segredos das letras, diz Tácito, assim igualmente ignoram homens e mulheres. O Wormrejeita esta linha de pensamento de Genebrard no livro "*Sobre a literatura Rúnica Rúnica*", cuja literatura usual junto aos monumentos dos dinamarqueses é vasta; ela remonta a seiscentos anos antes dos tempos de Carlos Magno, aproximadamente, em que os monumentos foram produzidos em letras pátrias, isto é, Rúnicas. No entanto, por outro lado, o monge Otfrid<sup>86</sup> ratifica a conjectura de Genérard; ele, no prefácio à versão teutônica dos Evangelhos, diz: esta língua é preservada, assim como as rústicas, enquanto nem a escrita foi elaborada pelos próprios teutônicos, nem embelezada por técnica alguma em quaisquer tempos. Assim, esse quadro permaneceu até os anos oitocentos. Mas estas coisas podem ser facilmente conciliadas, se disseres que os Germanos trabalharam mais com os armamentos<sup>87</sup> do que com as letras e estudos antes da era do bispo Bonifácio<sup>88</sup> e do mártir Carlos Magno. Não obstante, eles produziram vários monumentos literários antes deste tempo, sendo os tais dinamarqueses e relacionados a Worm, mas, especialmente, O Códex Argênteo<sup>89</sup> do Convento de Wertingen<sup>90</sup>, descoberto antes do ano 1000, em letras góticas,

<sup>82</sup> NT: Ambos adjetivos são sinônimos de escrita alemã.

<sup>83</sup> NT: Gilbert Générard (lat: *Genebrardus*) (1535-1597), exegeta e orientalista beneditino francês. Ele foi responsável por traduzir muitos escritos rabínicos para o latim, traduzindo também do hebraico e do grego.

<sup>84</sup> NT: Aparentemente, trata-se de um marco temporal específico: a tomada de Sevilha pela tribo dos Vândalos, tribo de origem germânica, mas naturais da Escandinávia. Na mesma época, os vândalos se dirigiram para a África, onde mais tarde, tomariam o controle da Numídia.

<sup>85</sup> NT: Carlos Magno (lat: *Carolus Magnus*) (742-814), Rei dos Lombardos e Rei dos Francos, cuja dinastia dominou a Europa por sete séculos no Sacro Império Romano Germânico.

<sup>86</sup> NT: Otfrid de Weissenburg (lat: *Otfridus*) (800-ca. 870), monge na Abadia de Weissenburg (atual Wissenburg, na fronteira entre França e Alemanha); ele compôs o *Evangelienbuch*, um poema que se tornou a versão alemã e poética do Evangelho.

<sup>87</sup> A fala de Mabillon a respeito das tribos germânicas pode ser entendida dessa maneira, se considerarmos que, durante os séculos I a.C e V d.C., tais tribos moveram seus esforços na invasão e permanência em muitos territórios da Europa (a maioria, sob domínio de Roma). Finalmente, no século V de nossa era, elas subjugam Roma e o domínio político possibilita um investimento em outros aspectos, especialmente a escrita.

<sup>88</sup> NT: Papa Bonifácio V (lat: *Bonifacius Episcopus*) (ca. 575-625), bispo e, depois, Papa.

<sup>89</sup> NT: Também chamado de '*A Bíblia de Prata*' por ter sido escrito com tinta de prata, é um manuscrito do século VII, que contém os Evangelhos de João, Mateus, Lucas e Marcos.

<sup>90</sup> NT: Convento localizado na cidade alemã de Wertingen, na Baviera.

o qual François de Jon<sup>91</sup> trouxe à luz. Estas coisas foram colocadas brevemente para o bem dos olhos, agora elas devem ser explicadas por partes, de forma um pouco mais elaborada.

#### IV. As duas espécies vulgares da escrita romana: a pura e a semigótica

O tópico deve ser iniciado pela escrita romana, que era dupla: uma, correspondia às letras maiúsculas, chamadas unciais<sup>92</sup> (por causa de *uncia*, isto é, a duodécima parte de um pé) e, da mesma forma cubitais, grandes, quadradas<sup>93</sup>, assim chamadas pelos antigos. A outra equivalia às letras menores, é permitido dizer que elas eram da mesma forma que as unciais, mas não do mesmo tamanho. A partir disso, estas letras são ditas minúsculas e ainda (como agrada a alguns) pequeninas e rotundas, que, é evidente, tinham sido moldadas por causa da escrita mais acelerada, nem com tanta técnica ou tanto volume. Compreendo esta diferença da escrita Romana a partir do prefácio de São Jerônimo<sup>94</sup>, no livro de Jó<sup>95</sup>, o lugar em que ele opõe as letras unciais<sup>96</sup> àquelas minúsculas, que ele apresentava em seus manuscritos descritivos. Assim, apresentam-se as palavras dele: Que aparecem aqueles que querem livros antigos, ou aqueles descritos em membranas púrpuras em ouro e prata, ou em letras unciais ou garrafais (como dizem no povo), aqueles trabalhos mais encontrados do que os códices: deste modo, permitam a mim e aos meus ter essas pobresfolhinhas, e os não tão belos códices do que aqueles emendados. Portanto, existiam as folhinhas de São Jerônimo, que não foram encontradas em

---

<sup>91</sup> NT: François de Jon (lat: *Franciscus Junius*) (1591-1677), considerado o pioneiro da filologia germânica e o primeiro estudioso do Códex Argênteo.

<sup>92</sup> NT: De acordo com Nuñez Contreras (1994, p. 276-7), a escrita uncial deveria ter suas origens histórica e gráfica diferenciadas, sendo que a hipótese mais aceita mostra que a uncial latina teve origem com a letra maiúscula bíblica grega ou como uma imitação direta da escrita grega, elaborada na África para escrever textos cristãos (motivada pelas concomitâncias entre as escritas grega e latina, fruto da influência cultural grega em Roma. Já a origem gráfica nos leva ao século IV, coincidentemente, a época em que o Cristianismo se tornou a religião oficial de Roma.

<sup>93</sup> NT: A escrita romana quadrada apresenta uma letra de módulo quadrado, realizada de forma muito caligráfica, quase artificial, como se reproduzisse as formas da escrita epigráfica em ambiente de livro. Por outro lado, a chamada escrita romana rústica é uma escrita cuidada e elegante, embora não seja tão simétrica ou vertical. A rústica é encontrada em códices da Itália e alguns estudiosos a consideram como protótipo da escrita normal romana.

<sup>94</sup> NT: São Jerônimo (lat: *Hieronimus*) (347-420), sacerdote católico da Ilíria (atuais Sérvia, Montenegro, Kosovo, norte da Albânia, Bósnia e Herzegovina e Croácia), teólogo, historiador, conhecido por sua tradução da Bíblia para o Latim (Vulgata).

<sup>95</sup> NT: O Livro de Jó é um dos livros da seção dos "escritos" da Bíblia hebraica (*Tanach*) e o primeiro dos livros poéticos do Antigo Testamento da Bíblia cristã. Nele, Jó endereça a questão da teodiceia - a justificação da justiça de Deus à luz do sofrimento da humanidade -, sendo considerada uma rica obra teológica.

<sup>96</sup> NT: A chamada escrita uncial costumava se caracterizar pelo modo maiúsculo de suas letras e também pelas formas contornadas de algumas delas, especialmente as letras A, D, E, G e M. Uma letra clara, precisa, cuidada, apresentando um traçado (*ductus*) arredondado; torna-se restrita para os códices, mas também se destaca por mesclar elementos da antiga e da nova escrita romana.

ouro e prata: tampouco foram encontradas em letras unciais. Certamente o abade Lupo Ferrari<sup>97</sup> indica claramente que a quantidade das unciais foi definida na epístola V para Eginhardo<sup>98</sup>: "Além disso, diz-se que o escritor régio Bertcaudo<sup>99</sup> certamente escreveu em letras antigas, que são maiores e estimam-se ser chamadas unciais, por causa da medida da escrita. E, assim, se vós tendes os pincéis, enviai a medida para mim, por favor, mesmo se ela tiver retornado ao pintor. Ainda assim, a página foi diligentemente protegida. Dessas duas informações, é lícito inferir: primeiramente, havia a medida certa e o modo certo das unciais, isto é, de uma polegada, contra os argumentos de Alácio<sup>100</sup>, que julgava as ditas 'unciais', 'cubitais', 'grandes', 'quadradas' como palavras sinônimas, quaisquer que fossem as minúsculas. Por outro lado, as unciais deste modo eram letras menos usadas nos tempos carolíngios, assim como Lupo as chama antigas, e teria ignorado a medida delas. Por outro lado, essa operosa escrita das letras unciais não era de uso em todo lugar, mas apenas em inscrições e livros descritos para ostentação; das quais uma grande parte, até então percebida, não tinha sido registrada de forma apropriada. Mas a antiga minúscula romana antiga era adicionada de forma comum aos códices descritivos, dos quais possuímos uma grande parte diante de nossas mãos, até então, e de onde as evidências devem ser publicadas a seu turno. Tal era (como penso) aquele volume máximo e admirável do Antigo e Novo Testamento, produzido em letras maiúsculas, que o Pontífice Pio II<sup>101</sup> avidamente viu no Monastério de São Salvador edificado por Rotário<sup>102</sup>, que existe na Abadia, junto à cidadela do campo do rio Sena. Estes dois gêneros de escrita vigoraram, ao máximo, junto aos Romanos até o século V da era do Cristo. Certamente, aqueles livros antigos foram abandonados por nós antes dos 1000, e eles representam em todo o lugar a segunda forma da escrita (comumente chamada uncial pelo povo, mas é uma denominação incorreta), a qual era quase obsoleta no século VIII. Nas inscrições descritas, entretanto, ela frequentemente foi encontrada, uma vez que também é uncial, embora se dissociou da antiga pouco a pouco. Cláudio transformou aquela escrita antiga no

---

<sup>97</sup> NT: Lupo Servato (lat: *Lupus Abbas Ferrariensis*) (ca 805- 862) foi um humanista, eclesiástico e organizador da França, abade de São Pedro e São Paulo, em Ferrières-en-Gâtinais. O seu monastério tornou-se um polo da ciência e da civilização europeia. O abade se dedicou à cópia de textos antigos dos principais autores latinos e gregos, além de ter fundado uma extensa biblioteca de sua abadia.

<sup>98</sup> NT: Eginhardo (lat: *Eginhardus*) (770-840) foi um escritor carolíngio do século IX e biógrafo de Carlos Magno, cuja obra *Vita Caroli Magni* assemelha-se na escrita com a obra do autor romano Suetônio, mais precisamente a *Vida dos Doze Césares*, com a vida do imperador retratada da forma mais fiel possível.

<sup>99</sup> NT: Bertcaudo (lat: *Bertcaudus*) (?) foi um escritor e calígrafo, ativo na escritoria anexa à escola palatina da corte carolíngia na era de Luis, o Piedoso (Luís I). Considerado como o restaurador da maiúscula, foi responsável pelo renascimento da letra capital epigráfica.

<sup>100</sup> NT: Leão Alácio (lat: *Leo Allatius*) (1586-1669) foi um erudito grego do século XVII, responsável por levar a Roma a biblioteca do Eleitorado do Palatinado, apresentada ao Papa Gregório XV (1621-3) pelo príncipe-eleitor Maximiliano I da Baviera (1623-1651). Traduziu os escritos de vários escritores gregos para o latim e escreveu o tratado *De Ecclesiæ Occidentalitate et Orientalis perpetua consensione*.

<sup>101</sup> NT: Pio II (lat: *Pius II*) (1405-1464) papa e pontífice entre 1458 e 1464. Além disso, foi notável por ser o único papa a escrever sua própria autobiografia e ser autor de diversas obras.

<sup>102</sup> NT: Rotário (lat: *Rotharius*) (606-652), da casa de Arodo, rei dos lombardos e, antes, duque da Bréscia. Foi responsável pela primeira codificação escrita do direito lombardo, escrita em latim, o *Edictum Rothari*.

meio tempo e ele adicionou novas formas de letras e, sem dúvida, três novas letras, uma vez ordenado esse uso por ele, foram abandonadas posteriormente, de acordo com Cornélio Tácito. Em seguida, a letra P, que é semelhante ao pi grego, costumava ser formada, com a estrutura retorcida, e para o nosso costume foi retratada. Então, certas letras do alfabeto dos Godos migraram no lugar de outras para o Romano. Estas letras são: A, E, G, H e U quadrado. A estas adicione o P e o Q, que costumam destoar naquele caractere romano corrompido ou sob o arranjo das outras letras.

## V. A terceira espécie da romana é mantida

Mas, além daqueles dois gêneros de escrita romana, parece que um terceiro gênero esteve em uso, ao menos, durante a queda do Império; com certeza, a escrita minúscula era diferenciada não apenas do tamanho, mas também da forma de uma letra uncial, assim como era aquela letra, que era própria dos homens forenses<sup>103</sup>. Isto me conduz ao ânimo facilmente. O vantajoso interesse de escrever, de modo que os homens costumam acompanhar: naquele tempo, existiram vários pergaminhos de Ravenna<sup>104</sup> do século sexto, dos quais uma íntegra da Biblioteca de Viena<sup>105</sup>, é exibida ali, esculpida em bronze, em último lugar, entre nossos exemplares. Naquela época, o instrumento de segurança plenária foi exposto no Suplemento da Biblioteca Régia. O lugar onde a dupla escrita desse tipo deve ser observada encontra-se no próprio epitáfio de Gaudência<sup>106</sup>, que morreu durante consulado de Urso<sup>107</sup> e Polêmio<sup>108</sup>. Da mesma forma, essa escrita veio a uso na Gália nos séculos V e VI da nossa era. Nesses séculos, como a Maiúscula romana de segunda espécie teria sido usado nos livros a serem escritos, as letras minúsculas foram recuperadas nos instrumentos públicos a serem escritos, como era pensado ser

<sup>103</sup> NT: O adjetivo '*forense*', em sua etimologia latina, relaciona-se como 'pertencente ao foro, mercado público'. A princípio, o forum designava um espaço aberto para o público, depois transforma-se num mercado ao ar livre, como o principal local de encontro ou reunião, onde assuntos de ordem pública eram discutidos, as cortes de justiça se concentravam e as transações financeiras aconteciam. Posteriormente, o sentido do adjetivo ficou restrito a "*assuntos de Estado, administração da justiça, ou negócios bancários*".

<sup>104</sup> NT: Cidade italiana localizada na região da Emília-Romanha.

<sup>105</sup> NT: Em latim: *Bibliotheca Cæsarea Vindobonensi*. O historiador alemão Peter Lambeck escreveu uma obra sobre essa biblioteca no século XVII, *Commentariorum de augustissima bibliotheca Cæsarea Vindobonensi*, dividido em quatro volumes.

<sup>106</sup> NT: Possivelmente, trata-se de um epitáfio para Santa Gaudência mártir ou Gaudencia de Roma, reconhecida pela Igreja Católica como santa, virgem e mártir, tendo sua homenagem ao dia 30 de agosto. No século VI de nossa era, aparece o *Martyrologium Hieronymianum*, um catálogo de mártires e santos dos tempos antigos e atribuído a São Jerônimo. Nele, aparece a seguinte inscrição: *Gaudentiæ virginis et aliorum trium* ("De Gaudencia virgem e outros três"), sendo a única menção antiga a ela.

<sup>107</sup> NT: Flávio Urso (lat: *Flavius Vrsus*) foi um oficial romano e cônsul durante o reinado dos Imperadores Constantino II, Constante I, Constâncio II (entre 337-361 da nossa era). Em 338 dividiu o consulado com Polêmio. Ajudou a abater o avanço germânico na Frígia (atual Ásia Menor).

<sup>108</sup> NT: Flávio Polêmio (lat: *Flavius Polemius*) foi um oficial romano e cônsul durante o reinado dos Imperadores Constantino II, Constante I, Constâncio II (entre 337-361 da nossa era). Em 338 dividiu o consulado com Urso.

originário dos Merovíngios e outros nossos. Acrescente-se também a cláusula de autoria incerta nos livros da obra *Sobre a Trindade* de Hilário<sup>109</sup>, subordinada no códex da Igreja do Vaticano; esta cláusula foi escrita em letras diminutas no décimo quarto ano de reinado de Trasmundo<sup>110</sup>, isto é, no ano do Cristo de 510. De forma parecida, entre os Romanos, o gênero de escrita minutíssima é veríssimo, o qual, certamente, Plauto denomina minutíssima na sua peça *Bacchides*<sup>111</sup>, bem como Cícero o faz através de Plínio<sup>112</sup> e Sêneca<sup>113</sup> na epístola 95<sup>114</sup>. Assim, Evágrio, o Solitário<sup>115</sup>, escrevia de forma elegante o caractere rápido, sendo Paládio de Helenópolis<sup>116</sup> testemunha. Embora fosse dito a respeito do grego<sup>117</sup>, certamente, em romano com igual interesse pode ser considerado. Reconheço que a escrita nesse gênero de caractere existiu com a lei de Calígula<sup>118</sup>, de acordo com Suetônio<sup>119</sup>, em letras minúsculas e lugar estreitíssimo para que não permitisse descrevê-la.

## VI. Das breves notas tironianas

É permitido substituir aquelas notas breves pelas letras romanas, as quais Tiro<sup>120</sup>, liberto de Cícero<sup>121</sup>, é atribuído tê-las inventado. Jan Gruter<sup>122</sup> possui a indicação delas no final do seu volume de inscrições,

<sup>109</sup> NT: Obra escrita pelo bispo Hilário de Poitiers (lat: *Hilarius*) (aprox. 300–aprox. 368), subdividida em doze livros e escrita durante o exílio do bispo por discordar da política pró-ariana do Imperador Constâncio II.

<sup>110</sup> NT: Trasmundo (lat: *Trasamundus*) (456–523), rei dos Vândalos e Alanos na cidade de Cartago, África.

<sup>111</sup> NT: Uma peça do dramaturgo romano Plauto (254–184 a.C.), que gira em torno de duas irmãs chamadas Bacchis, sendo uma prostituta e a outra não, causando confusão entre outros personagens. As peças de Plauto caracterizam-se por apresentar uma linguagem mais popular e ser adaptadas da Comédia Nova Grega, especialmente do autor Menandro.

<sup>112</sup> NT: Plínio, o Jovem (lat: *Gaius Plinius Secundus*) (61–114), orador, jurista, político e governador romano.

<sup>113</sup> NT: Sêneca, o Filho (lat: *Seneca Minor*) (4 a.C.–65 d.C), orador, retórico e escritor.

<sup>114</sup> NT: Sen. Epist. XCV: ‘*Recitator historiam ingentem attulit minutissime scriptam, artissime plicatam, et magna parte perlecta (...)*. Tradução nossa: ‘O leitor introduziu a história prodigiosa, escrita de forma muito pequena, dobrada de forma muito artística e lida em grande parte (...)’.

<sup>115</sup> NT: Evágrio do Ponto (lat: *Evagrius Ponti*) (345–399), escritor, asceta e monge cristão, produziu obras em latim e grego, principalmente.

<sup>116</sup> NT: Paládio de Helenópolis ou Paládio da Galácia (lat: *Palladius*) (363–430), sacerdote, bispo, escritor, historiador que conviveu com Evágrio do Ponto e produziu a História Lausíaca.

<sup>117</sup> As letras minúsculas gregas apareceram aproximadamente no século VII de nossa era, o que configura um momento muito mais tardio em relação à adoção do alfabeto grego (século VIII a.C). Desconhece-se o motivo para essa disparidade temporal.

<sup>118</sup> NT: Calígula (lat: *Gaius Cæsar Augustus Germanicus*) (12–41), imperador romano da dinastia Júlio-Claudiana, a mesma do imperador Augusto. Seu apelido veio de *caligæ* (sandálias militares).

<sup>119</sup> NT: Suetônio (lat: *Gaius Suetonius Tranquillus*) (69–ca.141) foi um historiador e secretário, estudioso dos costumes romanos. Escreveu várias obras eruditas, mas se destacou pela Vida dos Doze Césares (*De vitis Caesarum*), uma das principais fontes sobre a História Romana da Antiguidade. O livro narra a vida de Júlio César e dos onze primeiros imperadores do Império Romano (Augusto a Domiciano).

<sup>120</sup> NT: Tiro (lat: *Marcus Tullius Tiro*) (? – 4 a.C.) foi um escravo de Cícero e, posteriormente, liberto, muito mencionado nas epístolas do orador romano. Acredita-se que ele publicou a obra de Cícero após sua morte e também é creditado a ele o sistema de abreviaturas conhecido como ‘notas tironianas’. Embora não haja uma confirmação, a obra do historiador grego Plutarco indica que os escravos de Cícero foram os primeiros a usar esse sistema.

que possui um antigo codex, o qual pertence à Biblioteca do Ilustríssimo Jean-Baptiste Colbert<sup>123</sup>, anteriormente Biblioteca de Jacques-Auguste de Thou<sup>124</sup>. Existe, também, entre nós, um livro antigo de Salmos escrito nessas notas: e existem, em outro lugar, vários registros da mesma escrita, sobre a qual as coisas ditas satisfazem.

## VII. A escrita Rúnica

Eu prossigo imediatamente ao antiquíssimo gênero da escrita Rúnica, que, Ole Worm explicou em seus comentários com desenvoltura; primeiro, nos Fastos Dinamarqueses, depois, também nos Monumentos Dinamarqueses, mas, sobretudo, no livro Sobre a Literatura Dinamarquesa, editado em Kopenhagen no ano de 1636. Ele ensina isto corretamente no livro: que os Dinamarqueses são os inventores dessas letras, que assim ditas *Rynner* o autor estima com a voz antiga e nativa, conhecidas pelos traços, que, então, os ductos incisivos dos elementos são emulados com pedras e rochedos; os dinamarqueses, ali, transportaram o som das letras numa não muito incômoda, mas elegante metáfora, e eles chamaram suas letras *Rumer*<sup>125</sup>, com o qual os Romanos usaram para esse modo como vocábulo de escrever, para significar a escrita. Na verdade, além disso, diz-se que as letras RRúnicas são chamadas místicas e ocultas, então, por causa da incrível insolência que as diferem das letras de outras gentes: então, por isso, elas estiveram presentes em suas ocultas ciências, ou seja, nomeadamente mágicas e charlatãs (que, por causa de outros, aquela parte boreal do mundo foi poluída e poluirá outras tantas): deste modo, os caracteres ao máximo ilustraram esse processo. Finalmente, chamaram-nas letras góticas, uma vez que foram usadas pelos Góticos antes das letras ulfilanas<sup>126</sup>. Venâncio Fortunato<sup>127</sup> fala sobre as letras Rúnicas:

<sup>121</sup> NT: Cícero (lat: *Marcus Tullius Cicero*) (106-43 a.C.) foi um político, orador, advogado e filósofo romano. Escreveu diversos tratados filosóficos, de retórica, oratória e gramática latina.

<sup>122</sup> NT: Jan Gruter (lat: *Janus Gruterus*) (1560-1627) foi um humanista, historiador, erudito, epigrafista belga. Entre outras obras, apresentou o *Inscriptiones antiquæ totius orbis Romani*, um compilado de inscrições latinas da cidade de Roma.

<sup>123</sup> NT: Jean-Baptiste Colbert (lat: *Johannes Baptista Colbertus*) (1619-1683) foi um político francês, que atuou como primeiro ministro da França, no século XVII. Além de suas reformas econômicas, também se tornou conhecido por promover as artes, além de possuir uma vasta biblioteca com manuscritos de toda a Europa.

<sup>124</sup> NT: Jean-Auguste de Thou (lat: *Thuanus*) (1553-1617) foi um poeta, historiador e chefe de Estado francês, conhecido por sua biblioteca, por seu tratado histórico escrito em latim e por se opor à Igreja Católica.

<sup>125</sup> NT: Também conhecidas como Runas, foram letras características, usadas para escrever nas línguas germânicas da Europa do Norte, sobretudo Escandinávia, ilhas Britânicas e Alemanha (regiões habitadas pelos povos germânicos) desde o século II ao XI. Foram posteriormente substituídas pelo alfabeto latino.

<sup>126</sup> NT: As letras ulfilanas seriam o mesmo que o alfabeto gótico, uma vez que o bispo Úlfilas possuía a linhagem metade grega e metade goda e traduziu a Bíblia do grego para a língua gótica.

<sup>127</sup> NT: Venâncio Fortunato (lat: *Venantius Fortunatus*) (530-600 ou 609) foi um poeta e compositor de hinos, além de bispo de Poitiers. Tendo vivido durante a reconquista bizantina da Itália, entrou em contato com poetas clássicos como Virgílio e Horácio e poetas cristãos.

*A Rúnica bárbara é representada em tábuas de freixo  
E cada papiro carrega, a vírgula vigora plana.*

Os dinamarqueses naturalmente costumavam enviar suas cartas não só em faias e madeiras, mas na verdade, também usavam freixos, assim como ossos e chifres. Destas cartas o estudioso é Rábano Mauro<sup>128</sup> no livreto "Sobre a Invenção das Línguas"<sup>129</sup>: Os Marcomanos<sup>130</sup>, os quais chamamos Normandos, usam as letras, que temos sob a forma de escrita; a partir delas, eles contam a origem da língua alemã e, do mesmo modo, carregam com eles suas canções e encantamentos, bem como procuram significar predições, já que, até esse tempo, os Marcomanos estão envolvidos em ritos pagãos. Destas letras Rúnicas, são aquelas letras que o Rei Quilpérico I dos Francos<sup>131</sup> adicionou às letras comuns, como o G; Worm julga que elas foram aceitas contra o argumento de Gerrit Vos<sup>132</sup> no livro IX da Gramática que, a partir de Aimoin<sup>133</sup>, estas letras, convém saber, Ω (omega), Θ (theta), Φ (phi), X (khi), modificadas das letras gregas. Mas elas foram escritas por Aimoin de forma corrompida. Worm sustenta que foi a partir de Gregório de Tours<sup>134</sup>. Aqueles que confundem completamente as letras góticas com as rúnicas (que, outrora, foram nomeadas góticas pelo povo) de forma contundente, elas foram facilmente refutadas por Worm, que propagou os Monumentos Rúnicos insculpidos nas pedras nos primeiros séculos de Cristo, muito antes de Úlfilas ser o bispo ariano<sup>135</sup> dos godos, que

<sup>128</sup> NT: Rábano Mauro (lat: *Hrabanus Maurus*) (780-856), abade francês nos mosteiros de Fulda e Mogúneia no período da renascença carolíngia e apoiante do imperador Lotário I.

<sup>129</sup> NT: É um livrinho escrito por Rábano Mauro que apresenta os alfabetos latino, hebreu, grego e rúnicos, além de uma breve explicação sobre suas respectivas origens.

<sup>130</sup> NT: Uma tribo germânica com estreitas ligações aos suevos e que habitavam a região sul do rio Danúbio. Os romanos afirmam que, nos primórdios da era cristã, as tribos marcomanas se estabeleceram na atual Boêmia, depois de terem sido derrotadas por Nero Cláudio Druso, general do imperador romano Augusto.

<sup>131</sup> NT: Quilpérico I (lat: *Chilpericus*) (539-584) foi o monarca da Nêustria (atual norte da França) e foi responsável por acrescentar letras ao alfabeto latino e ordenou que os manuscritos fossem reescritos com os novos caracteres.

<sup>132</sup> NT: Gerrit Vos (lat: *Gerrardus Vossus*) (1577-1649) foi um erudito e teólogo holandês que escreveu um tratado sobre a etimologia, retórica, história latina e grega.

<sup>133</sup> NT: Aimoin (lat: *Aimoinus*) (c. 960-c.1010) foi um monge e escritor francês que escreveu a *Historia Francorum* ou *Libri V de Gestis Francorum*, dedicado aos primórdios dos francos até o ano de 653. A obra seria publicada no *Monumenta Germaniae Historica: Scriptores*, volume xxvi. Além disso, o escritor também escreveu *Vita Abbonis, abbatis Floriacensis*, cujos registros só salvam a vida de Abão. Ela foi publicada por Jean Mabillon, em *Acta sanctorum ordinis sancti Benedicti*.

<sup>134</sup> NT: Gregório de Tours (lat: *Gregorius Turoiensis*) (538-594) foi um historiador galo-romano e bispo de Tours, o que o tornava o principal prelado da Gália. Ficou conhecido por escrever num latim considerado deslegante e barbarizado, repleto de termos francos e germânicos. Seu trabalho mais notável foi *Decem Libri Historiarum* ("Dez Livros de História"), mais conhecido como *Historia Francorum* ("História dos Francos"), um título dado por cronistas posteriores.

<sup>135</sup> NT: O arianismo foi uma visão cristológica antitrinitária, ou seja, contra a Santa Trindade, sustentada por Ário (250-336) e seus seguidores, cujo pilar era a negação da consubstancialidade entre Jesus e Deus, que os igualava. Assim Jesus e Deus estavam separados.

Sócrates Escolástico<sup>136</sup> (Sócrates de Constantinopla), Sozômeno<sup>137</sup> e outros historiadores testemunham ter vivido aproximadamente nos tempos de Valentiano I<sup>138</sup> e Flávio Valente<sup>139</sup>. Além disso, Ole Worm e François de Jon possuíam esta distinção diante dos olhos: dos quais Worm eloquentemente explicou a literatura Rúnica: por outro lado, Jon reuniu no prefácio o alfabeto gótico como rúnico para o *Codex Argenteus*, em que o livro dos Evangelhos foi escrito em letras góticas de prata. Deste códice provavelmente um fragmento fala Gruter, o homem mais ilustre, e da mesma forma, aquela distinta obra das inscrições exibiu certos elementos estrangeiros encontrados na Úmbria a partir de oito tábuas de bronze de Gerolamo Accoramboni<sup>140</sup>: delas, uma apresenta-se em letras (como é visto pelo próprio) gregas invertidas e em língua (como certos estudiosos consideram) Eólica<sup>141</sup>; na verdade, certas relíquias estão em letras latinas, mas (como é pensado) foram compostas na língua Etrusca<sup>142</sup>. Sobre aquelas antigas escritas e línguas setentrionais, existe a obra de George Hickes,<sup>143</sup> sobre a qual foram apresentados outros assuntos deste volume no Prefácio.

### VIII. A escrita lombarda<sup>144</sup>

É verdadeiro que essas coisas pertencem menos ao nosso estabelecimento, remotamente, do que as escritas Franco-gálica e Lombarda, das quais deve ser falado em separado. Para falar da Saxônica, que é associada com a Gótica, é uma notícia já explicada o suficiente por François de Jon e Abraham

<sup>136</sup> NT: Sócrates de Constantinopla (lat: *Socrates Scholasticus*) (380-?), historiador grego, escreveu a História Eclesiástica, no mesmo modelo que Eusébio de Cesaréia (ca. 265-339), outro historiador do Cristianismo.

<sup>137</sup> NT: Sozômeno (lat: *Sozomenus*) (375-447), historiador oriundo de Gaza, escreveu sobre a tradição oral na região da antiga Palestina.

<sup>138</sup> NT: Valentiano I (lat: *Valentianus*) (321-373), imperador Romano, filho de Graciano, o Velho e irmão de Flávio Valente.

<sup>139</sup> NT: Flávio Valente (lat: *Flavius Valens*) (328-378), imperador Romano, filho de Graciano, o Velho e irmão de Valentiano I.

<sup>140</sup> NT: Gerolamo Accoramboni (lat: *Eugubius*) (1469-1537), físico italiano, que estudou filosofia e dedicou-se à medicina. Possuía muitos manuscritos, mas perdeu-os durante do Saque de Roma (1527), durante a Guerra da Liga de Cognac.

<sup>141</sup> NT: O eólico ou eólio é um termo usado para descrever um subconjunto de dialetos arcaicos do grego antigo, falados principalmente na Tessália e na Beócia (Grécia Central), ilha de Lesbos e na costa da Ásia Menor.

<sup>142</sup> NT: A língua etrusca era um idioma falado na antiga região da Etrúria (atual Toscana) e em áreas das atuais regiões da Lombardia, Vêneto e Emília-Romanha (norte da península itálica), sendo substituída pelo latim num momento posterior.

<sup>143</sup> George Hickes (lat: *Georgius Hickesius Anglus*) (1642-1715), sacerdote anglicano e antiquário inglês.

<sup>144</sup> NT: A escrita lombarda ou longobarda pertence ao grupo das escritas cursivas italianas, aquelas empregadas no território italiano após a queda do Império Romano. Também chamada de 'norte-italiana', 'pré-carolina italiana' ou 'lombarda', encontra-se no norte da Itália entre os séculos VII e IX, caracteriza-se por seu traçado correto, mas sem muita cursividade, se comparada com a escrita romana antiga.

Whelocke<sup>145</sup>, sendo que o último nos escreveu a História do Venerável Beda<sup>146</sup> na língua saxônica e que foi restaurada por Alfredo diretamente da versão latina. De fato, eu admito que me fixei, há muito tempo, nos elementos distintivos lombardos; desde então, eu não encontrava autores que transmitiram certezas sobre esses assuntos. Acontece que o lugar de Gerson sobre este tipo de escrita apareceu: 'Para que a letra seja legível, pontuada e clara, tal como a dos Lombardos, ela não se envolve em traços supérfluos, etc.'. Mas eu estimo, a partir do que foi dito sobre a escrita que foi usada naquele tempo junto aos Lombardos, que ela se aproximava da nossa escrita itálica, não daquela antiga lombarda, que não era legível ou clara. Até agora, com o diploma de Gregório VII<sup>147</sup>, escrito em letras lombardas em nome do convento de São Miguel, em Piceno, Vincenzo Borghimi<sup>148</sup> retomaria os caracteres de forma legível aos Camaldulenses, como se refere o monge Agostinho<sup>149</sup> dentro da *História Camaldulense*<sup>150</sup>. A estas digressões, trazia algo de luz Saumaise<sup>151</sup>, que corrigiu o local de Varrão, no qual lê-se 'questões iniciais' (*inceptis*) ao invés de 'incertas' (*incertis*): cuja correção retomou esta questão, uma vez que P e R no caracter, que eles chamam lombardo, de maneira que muitos livros escritos são encontrados nesse antigo caracter, simplesmente essas letras são afins quanto à escrita. Certamente, é permitido também considerar o mesmo processo, sem dúvida, no saxônico. Caspar Schoppe<sup>152</sup>, em sua obra, *De Re Critica*, também estima que os livros antigos foram escritos indiscriminadamente em caracter lombardo. Mas aprendemos a forma deste tipo de caracter, às vezes, a partir das bulas apostólicas dos antigos pontífices romanos, às vezes da sentença do Eminentíssimo Cardeal de Casanata<sup>153</sup>, que me libertou desta inquirição, submetida a carta do Arcebispo Leão de Ravenna<sup>154</sup>

<sup>145</sup> NT: Abraham Whelocke (lat: *Abrahamus Whelocus*) (1593-1653), linguista e professor inglês, além de ser um estudioso do Anglo-Saxão.

<sup>146</sup> NT: História relacionada a Beda ou Venerável Beda (672 ou 673-735), monge beneditino inglês nos mosteiros de S. Peter e S. Paul (atual Monkwearmouth, na Inglaterra). Também conhecida como a História Eclesiástica do Povo Inglês, é uma obra que conta a história do Cristianismo e dos Ingleses. É considerada como a primeira obra a ter notas de rodapé, escrita totalmente em latim.

<sup>147</sup> NT: Gregório VII (lat: *Gregorius VII*) (1020-1085), Papa da Igreja Católica.

<sup>148</sup> Vincenzo Borghimi (lat: *Vincentius Borghimius*) (1515-1580), filólogo, historiador, monge beneditino italiano.

<sup>149</sup> NT: Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (lat: *Agostinus monachus*) (354-430), teólogo, filósofo, professor de retórica da antiga Numídia (atual Argélia), convertido ao Cristianismo e um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, além de bispo de Hipona, também na Numídia.

<sup>150</sup> NT: Obra relativa à Ordem dos Camaldulenses ou a Congregação Camaldulense da Ordem de São Bento, uma ordem religiosa católica de clausura monástica pertencente à família dos Beneditinos, fundada por São Bento de Núrsia no século VI. O ramo Camaldulense estabeleceu-se graças aos esforços do monge italiano São Romualdo de Ravena, no início do segundo milênio, no Sagrado Ermitério de Camaldoli, no cimo das montanhas centrais de Itália, perto de Arezzo.

<sup>151</sup> NT: Claude Saumaise (lat: *Claudius Salmatus*) (1588-1653) acadêmico clássico francês, cujos trabalhos como copista e de crítico textual tornaram-se célebres, especialmente por trabalhar com autores clássicos, como Plínio, o Velho.

<sup>152</sup> NT: Caspar Schoppe (lat: *Scioppius*) (1576-1649) foi um estudioso e católico controversialista alemão, que escreveu obras filosóficas, controversialistas e católicas.

<sup>153</sup> NT: Girolamo Casanate (lat: *Eminentissimum Cardinalis Casanatae*) (1622-1700), cardeal e bibliotecário da Santa Igreja, além de mecenas e incentivador dos estudos históricos.

<sup>154</sup> NT: Arcebispo Leão de Ravenna (lat: *Leo ou Leone I*) (?-777), Arcebispo de Ravena (região da Emília-Romanha), entrou em conflito com o Papa Adriano I e com o Imperador Carlos Magno.

num exemplo dos caracteres lombardos, do qual eu tinha sido libertado. Ocorreu também o exemplo da antiga escrita lombarda de Giovanni Palatino, que, de alguma forma, é diferente de outras; de fato, porque essa escrita possuiu a forma um pouco diversa, graças à diversidade dos tempos; na realidade, isso também ocorreu por causa da condição dos escritores. Obviamente, embora pertençam a um único gênero, uma escrita é dos homens forenses, outra dos homens letrados. Nossos exemplos provam isso. Este gênero de escrita perseverou entre os Itálicos até o século XII, como fica evidente, primeiro, a partir da bula concedida aos monges pascais de Dionísio II<sup>155</sup>; em seguida, a partir da Biblioteca Casinense<sup>156</sup>, na qual as pequenas obras do monge Guaifério<sup>157</sup> são preservadas em caracteres lombardos; elas foram encontradas há cerca de seiscentos anos, como testemunharam Maro<sup>158</sup> e Ughello<sup>159</sup>.

## IX. A escrita franco-gálica ou merovíngia<sup>160</sup>

Já é chegado o momento de atingirmos a nossa escrita Franco-gálica, que foi variada, uma vez que tenha existido entre outras nações, por causa dos tempos. Tal escrita teria existido sob a tríplice estirpe de nossos reis, e os exemplos ensinam de maneira mais correta do que as palavras. Nos diplomas uniformes merovíngios, onde quer que estejam salvos, inteiramente similar a ele, existe em nosso códice um manuscrito muito antigo de Jerônimo e Genádio II de Constantinopla<sup>161</sup> sobre os escritores eclesiásticos. Deste códice, descrevemos um exemplo e, ao mesmo tempo, outro exemplo da história manuscrita de Gregório de Tours, que outrora existiu na Biblioteca Corbiense<sup>162</sup>, ultimamente fazia parte da Biblioteca de Paris, a partir do venerável varão Claude Joly<sup>163</sup>, cantor da mesma igreja, na

<sup>155</sup> NT: Dionísio II de Constantinopla (lat: *Dionisius* II) (?-1556), patriarca ecumênico de Constantinopla.

<sup>156</sup> NT: Uma série de documentos e manuscritos da Biblioteca Monumental Nacional de Montecassino, cidade do sudeste da Itália.

<sup>157</sup> NT: Guaifério de Montecassino (lat: *Guaiferius*) (ca. 1013-1089), monge e poeta italiano que compôs poemas e hinos católicos.

<sup>158</sup> NT: Ferdinando Ughelli (lat: *Ughello*) (1596-1670), monge cristão, abade e historiador italiano.

<sup>159</sup> NT: Giovan Battista Marino (lat: *Johannes Baptista Maro*) (1569-1625), um poeta da Itália pós-renascentista.

<sup>160</sup> NT: A escrita merovíngia é a escrita cursiva que se conservou sobretudo nos diplomas e documentos da dinastia merovíngia, excluindo-se as tendências gráficas encontradas nos escritos monásticos com caráter librário. A sua origem é a minúscula cursiva romana, mas suas letras são muito unidas, o traçado é muito ondulado e os nexos e ligaduras são muito trabalhosos, exigindo muita dedicação do escriba.

<sup>161</sup> NT: Genádio de Constantinopla (lat: *Genadius*) (?-471), escritor culto e patriarca ecumênico de Constantinopla. Poucos fragmentos sobreviventes de sua obra ainda existem, basicamente relativos à exegese do século V (ou seja, da interpretação/explicação crítica de um texto religioso).

<sup>162</sup> NT: Biblioteca localizada na cidade inglesa de Corby, habitada pela primeira vez pelos Danos (uma antiga tribo germânica) no oitavo século de nossa era.

<sup>163</sup> NT: Claude Joly (1607-1700) (lat: *Claudius Jolius Cantor*), jurista, religioso e cantor francês da Igreja de Paris.

qual aceitamos acomodar aquela obra. O diligentíssimo Adrien de Valois<sup>164</sup> viu este códice e coletou em companhia das obras elevadas e, sobre o assunto, assim ele pressupõe no segundo tomo das *Rerum Franciscarum*: "Este Codex de Corby possui um prefácio com o nome do autor e o título da obra na frente: se, de fato, segues os inícios dos livros, claramente, ele foi escrito em caracteres bárbaros e de tamanho medíocre; assim, conectaram-se entre si, expressas muitas informações, através de certos compêndios de notas, para que isto seja aproximadamente conjecturado pelo leitor. Nem seria incrível, se ao homem doutíssimo pertence esta forma de escrita tão insolente: enquanto um monge anônimo, que escreveu *Chronicon Sancti Michaëlis* do Campo de Verdun<sup>165</sup> no século XI, reconhece o conde Wlfoald<sup>166</sup> como fundador do seu local (que viveu sob os últimos reis merovíngios), ele também afirma, assim, que os testamentos já naquela época existiram em tão executada antiguidade, de modo que não poderiam ser lidos, senão, com dificuldade, com o auxílio de um suporte. Da mesma forma, no século X, o antigo autor gaulês foi contestado no livro *De Gestis Abbatis Andaginensis Sancti Bergis*<sup>167</sup>, onde, deste modo, chama esta escrita bárbara, por causa da dificuldade com que a escrita possa ser lida. Então, dotado da carta de doação, as Igrejas Andaginenses foram feitas pelo Rei Teodorico<sup>168</sup>, que conste assim: logo, dessa forma, se eu discutisse esta questão, por causa da dificuldade da escrita bárbara, eu não a penetraria com facilidade; sou dirigido, finalmente, por último, como o assunto propunha tais considerações que esta escrita tinha sido produzida no quinto ano do Rei Teodorico. De modo que menos deve se admirar que, se nós que nos distanciamos mais longe daqueles tempos, esta escrita pareça difícil e bárbara, e ela foi familiar aos merovíngios. Ainda, nos códices muito antigos, que tinham sido escritos em caracter merovíngio, títulos e livros tinham sido encontrados primeiro, e, em algum tempo, verteram em letras romanas ou em semigóticas, assim como as inscrições das estátuas e moedas: na verdade, também livros inteiros, em algum tempo, foram escritos em letras romanas. Não sei se, com este gênero de caracteres, teriam sido encontradas as cartas de Plínio, o Jovem naquele códice, sobre o qual fala o tipógrafo Aldo Manúcio<sup>169</sup>, na epístola para Aloísio Senator do Vêneto: ele foi embaixador na Gália e, em seguida, na Itália, de onde o próprio

---

<sup>164</sup> NT: Adrien de Valois (lat: *Hadrianus Valesius*) (1607-1692), historiador e poeta francês, responsável pela obra *Rerum Franciscarum* (1646).

<sup>165</sup> NT: Verdun é uma cidade histórica francesa, localizada no Grande Leste (antiga região da Alsácia-Champanha-Ardenas-Lorena), localizada próximo ao Rio Mosa.

<sup>166</sup> NT: Conde Wlfoald (lat: *Wlfoaldus* ou *Wolfandus comes*) (séculos VII-VIII) foi um conde que fundou a abadia de Saint-Mihiel em 708-709.

<sup>167</sup> NT: Frederic de Andage (lat: *Abbas Andaginensis*) (?-936 ou 939) foi um monge beneditino e abade de Andage (atual Saint-Hubert). Oriundo de uma família importante de Ardennes, dedicou-se à causa religiosa até a sua morte. O livro é um relato sobre os feitos dos monges da congregação de Andage, sendo São Beregisus (ca. 670-ca. 725), o primeiro superior da congregação e seus subsequentes abades.

<sup>168</sup> NT: Teodorico III (lat: *Theodoricus III*) (654-691), Rei dos Francos, Nêustria, Borgonha e Austrásia.

<sup>169</sup> NT: Aldo Minúcio (lat: *Aldus Minutius*) (1449-1515), tipógrafo italiano, considerado um dos primeiros mestres do design tipográfico.

reportou as cartas de Plínio escritas em membrana e, até então diferenciou-se pelos nossos caracteres, ele não pode ler, , a não ser que alguém tiver se habituado.

## X. A escrita carolina<sup>170</sup>

Quando a primeira estirpe dos Francos foi extinta, Carlos Magno começou a refinar as letras, ou certamente, por algum tempo, ele modificou o já acurado gênero merovíngio de escrita numa forma mais elegante. Em princípio, havia alguma coisa misturada do carácter merovíngico; mas, imediatamente após uma execução mais refinada, finalmente transformou-se nesta forma, que, até aqui, preserva o nome do pequeno carácter minúsculo romano<sup>171</sup>. Parece que não foram os Francos a ter aceitado essa forma de escrita dos Romanos, que usavam os elementos lombardos por todo o lugar, mas sim, os Romanos dos Francos, na verdade. Outro gênero de escrita, também, aproximando-se por pouco do Itálico, esteve em uso naqueles tempos carolíngios, sobretudo em diplomas pelo rei Luís, o Piedoso, como logo exporemos, com letras iniciais alongadas, que já foram recebidas junto aos merovíngios, e sob o reinado de Luís, o Piedoso, elas foram executadas mais longas e refinadas. Em seguida, os reis carolíngios retomaram o carácter maior romano naquela antiga forma da era de ouro. De todas elas, sobre as quais foi dito até agora, exibiremos os alfabetos e exemplares das escritas a seu tempo.

## XI. A mesma escrita Carolina em cartas e manuscritos

Expostos estes assuntos, deve-se inquirir que os Francos merovíngios teriam empregado tal modo de escrita nos diplomas escritos, aqui e ali, que, em seguida, daquele que os Carolíngios e finalmente os Capevíngios empregaram por mais de 400 anos: então, o mesmo deve ser investigado sobre outras nações dos Latinos. A escrita dos diplomas nem sempre deve ser estimada a partir da escrita dos livros antigos. Naturalmente, um gênero de escrita e, certamente, uniforme o suficiente foi empregado nos diplomas escritos e nos instrumentos; sem dúvida, é a escrita Franco-gálica ou Merovíngia (assim eu a chamo) que entendemos a partir de vários autógrafos do século sétimo. A escrita Romana ocorreu nos

---

<sup>170</sup> NT: A escrita carolina ou carolíngia, fundamentada graficamente na nova escrita romana, surge como rejeição às escritas ditas 'nacionais'. Adotada durante o período da dinastia carolíngia, essa escrita nasce como escrita librária, mas foi logo adotada no âmbito documental e serviria de base para as escritas posteriores, inclusive para a imprensa.

<sup>171</sup> NT: No século III, houve a aparição das letras minúsculas, criando, assim, um sistema duplo de maiúsculas e minúsculas. As letras minúsculas são constituídas num sistema quadrilinear, executado num ângulo distinto das letras capitais, pela orientação distinta de traços finos e grossos e uma morfologia menor do que as letras maiúsculas, afetando sobretudo o modo de escrever à mão e impresso.

livros antigos desta era, maior do que aquela merovíngia, que ainda é depreendida de muitos códices. Tal é o códice de Jerônimo de Corby e os livros sobre os escritores eclesiásticos de Genádio, tal também o Codex de Joly<sup>172</sup> que incluía seis livros primeiros da História Gregoriana. Além disso, nos tempos seguintes, aproximadamente, sempre interveio a diversidade entre a escrita dos amanuenses<sup>173</sup> vulgares e dos homens forenses, de qualquer maneira, ou dos notários públicos, além das cartas ou cartas sinódicas editadas sob a segunda estirpe, que, foram encontradas em caractere minúsculo romano, nos livros então usados. Ele veio de qualquer parte para dar a noção das antigas escritas de outros gêneros, isto é, cartas e livros. Foi observado que os exemplos dispostos representavam através de épocas únicas para ilustrar este argumento, o que estiver presente para nós, conferiremos.

## XII. Aquela escrita usada nos diplomas sob a primeira estirpe dos francos

Costuma ser descrito que as primeiras letras unciais foram vertidas nos diplomas da primeira estirpe de reis, assim como não foram acumuladas através de pressão e divididas em extensão e isso também ocorreu na segunda estirpe. No entanto, aqui contém, inteiramente vertido o nome exposto do rei com um elogio público, neste modo: CLÓVIS I, REI DOS FRANCOS, VARÃO ILUSTRE. Essas palavras, geralmente, não se estendem até o fim da membrana ou linha, cujo espaço vazio, sobretudo, foi deixado abandonado. No diploma, ainda, de alguma forma, é descrito o nome do filho do Rei Clóvis II<sup>174</sup>, Teodorico,<sup>175</sup> desse modo, a extensão da membrana toda tanta é descrita em letras iniciais: e, não raro, em agradáveis letras, é referida integralmente no primeiro verso, gradualmente, em letras grandes. Após a inscrição, subsegue-se a continuidade em letras minúsculas franco-gálicas até o fim da composição: em seguida, em letras maiúsculas o Rei subscreve diretamente o secretário, ou certamente, sob ele, se a membrana é mais estreita. E, todavia, não raramente, sozinho subscreve o Referendário<sup>176</sup>, ou o Cancelário, ou o Estenógrafo, nas menores coisas do momento, que em agradáveis letras de alteração e prazeres das menores causas. Daniel Papenbrock<sup>177</sup>, nos diplomas de

---

<sup>172</sup> NT: A saber, de Claude Joly.

<sup>173</sup> NT: O amanuense, também conhecido como copista, é o profissional que copia textos ou documentos à mão. De acordo com a etimologia latina, amanuense vem de *amanuensis* (por sua vez, da expressão *ab-manus*, 'à mão'), traduzido como *secretário* ou *escrevente*.

<sup>174</sup> NT: Clóvis II (lat: *Chlodoveius*) (633–657), Rei da Nêustria e da Borgonha.

<sup>175</sup> Teodorico III (lat: *Theodoricus*) (654–691), Rei de Todos os Francos, da Austrásia, da Nêustria e da Borgonha.

<sup>176</sup> NT: Na Antiguidade, o referendário era um oficial da cúria romana, do tribunal das datarias, encarregado de examinar e relatar as causas e súplicas. Posteriormente, ele se tornou aquele que referenda ou relata uma causa, petição ou requerimento. O sinônimo desse termo é relator.

<sup>177</sup> NT: Daniel Papenbrock (lat: *Papenbrochius*) (1628–1714), padre jesuíta belga, que também foi um historiador, escritor e sacerdote.

Santo Maximino<sup>178</sup>, estima grave sobre a autoridade de Dagoberto<sup>179</sup>, que as maiores letras (as quais ele nomeia unciais) estão no início dos diplomas e não estiveram em uso no fim da primeira estirpe, assim como na segunda. Mas encontra poucos monumentos merovíngios, dos quais a primeira linha e a subscrição régia encontrada não está em letras maiores. Entretanto, encontrei um no Arquivo Dionisiano de Rei Quilberto I<sup>180</sup>, cuja inscrição também se encontra nas mesmas letras, as quais o contexto corresponde. Outras pessoas preferem as maiúsculas no princípio e na subscrição do Rei e do Cancelário. Entre todos, em letras maiores, Teodorico, filho de Clóvis II e Quildeberto III<sup>181</sup>, escrevem seus nomes, como provam nossos exemplos. Ao nome do Cancelário e signo depois de algum intervalo aplica-se o selo régio do rei preferindo a imagem convertida não em extenso, como foi o costume da segunda estirpe de Imperadores e Reis, mas reta ou inclinada, enquanto é expressa numa epígrafe circular ou inscrição em caracteres romanos, que somente contém o nome do Rei deste modo ☩ QUILDEBERTO, REI DOS FRANCO<sup>182</sup>. Em seguida, no final, evidentemente, são adicionadas notas cronológicas e a designação do local em que o diploma foi escrito, na ínfima borda da margem, em letras miúdas, como no contexto. Por que costuma adequar toda a latitude da membrana, geralmente por causa disso, dividiu-se ela em vocábulos e sílabas. No tempo de Carlos Magno, mas principalmente no império de Luís Pio, foram introduzidas as unciais dátilas das letras e as mais alongadas, que se adequam à toda longitude das membranas: no mesmo gênero de escrita, mas não tão alongado, pintam-se os nomes do Rei e do Cancelário em subscrição, além, em poucos, como o exemplo do Notário Hirmanato<sup>183</sup> ensina.

### XIII. Aquela escrita usada nas eras carolíngia e capevíncia

Reinando Carlos Magno, a escrita usual franco-gálica gradualmente (como eu dizia há pouco) começou a ser transformada, e sobreviveu num modo mais elegante; primeiro, sob o tempo de Carlos Magno; em seguida, sob o tempo de Luis, o Pio e, finalmente, sob o reinado de Carlos Calvo, a Romana reduzida foi empregada indiscriminadamente e, posteriormente, uma certa Carolina, que se aproxima de um modo da nossa Itálica: aquela, com certeza, esteve presente nas cartas eclesiásticas e

<sup>178</sup> NT: Santo Maximino (lat: *Sanctus Maximinus*) (?-349) foi um bispo francês que viveu no século IV durante o período do arianismo.

<sup>179</sup> NT: Dagoberto I (lat: *Dagobertinus*) (606-639), rei da Nêustria e Borgonha, pai de Clóvis II.

<sup>180</sup> Quildeberto I (lat: *Childebertus Regis*) (496-558), Rei franco de Paris, da dinastia merovíngia, governou com seus outros três irmãos, filhos de Clóvis I e Clotilde da Borgonha.

<sup>181</sup> NT: Quildeberto III, o Justo (lat: *Childebertus Tertius*) (678-711), Rei de Todos os Francos, filho de Teodorico III.

<sup>182</sup> NT: Quildeberto II (lat: *Childebertus Secundus*) (570-595), rei merovíngio da Austrásia e, posteriormente, de todos os Francos até sua morte.

<sup>183</sup> NT: Hirminmaris (lat: *Hirminimaris*) (?-?), monge, tabelião e notário de Fridiguse e Theot, arquivanceleres de Luís, o Pio.

nos livros pelo principado de Ludovico Augusto: esta, na verdade, encontrou-se nos diplomas régios sob o tempo de Carlos Calvo até a época de Carlos, o Simples<sup>184</sup>: depois dela, aquela escrita carolina se tornando obsoleta, salvou-se a Romana; se, no entanto, é possível que essa escrita pode chamada Romana, uma vez que ela foi deformada pelos traços, como na letra O e em outras, sobretudo, sob o reinado de Lotário Romana. Entretanto, no principado dos Capetos<sup>185</sup>, paulatinamente, a escrita Romana começou a ser reconstituída, retendo, entretanto, os traços sinuosos e alongados, que não ocorrem tão frequentes nos manuscritos. Da mesma forma, o modo de escrita vigorou inteiramente nos diplomas para São Luís, no qual permanecemos. Entretanto, de fato, sob os reis da primeira linhagem carolina, o contexto dos diplomas teria sido encontrado em letras franco-gálicas geralmente outro caracter, entretanto, a imagem da romana minúscula; algumas vezes na maior, como no diploma de Odônio Dionisiano, foi escrita Data, isto é, nota cronológica na margem inferior da membrana. Por outro lado, na Cancelaria (que deve ser observado de forma máxima), a escrita uniforme é salva aproximadamente pelo tempo, isto é, nos diplomas dos Reis, por outro lado, nas cartas privadas, que foram escritas por notários plebeus.

#### XIV. Sobre a mesma escrita, dessa vez, nos manuscritos

Nos livros a serem descritos não faltou também a sua mutação de escrita. Por exemplo, até o final do século VI, na verdade, até o meio do sétimo século, o uso da antiga escrita Romana perdurou entre os Francos; então, a escrita Franco-gálica prevalecera nos diplomas por este tempo e foi propagada também na arte livraria. Depois disso, gradualmente, (como seja) um novo modo de escrita romana foi inventado e muitos copistas o usaram, embora, até o principado de Carlos Calvo, a escrita franco-gálica foi preservada por outros tantos; a Lombarda, por outro lado, por poucos, como está claro a partir das subscrições do sinodo do Soissons que exibiremos mais abaixo. Em vários códices, entretanto, aquela escrita romana maior foi empregada nos escritos por ostentação: tal escrita existe no famoso livreto de preces de Carlos Calvo, escrito em grandes letras áureas, que somente é preservado na Biblioteca Colbertina.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> NT: Carlos III ou Carlos, o Simples (lat: *Carolus Simplex*) (879-929), Rei da França Ocidental e da Lotaríngia.

<sup>185</sup> NT: A dinastia capetiana (também chamada dinastia capevíngia ou rebelada) durou de 987 a 1328, iniciada com Hugo Capeto (941-996), primeiro rei da Casa de Capeto e sucessor do último rei carolíngio Luís V, ou Luís, o Indolente (967-987).

<sup>186</sup> NT: Pertenceu a Jean Baptiste Colbert (1619-1683); era uma biblioteca modesta nos primeiros anos e depois se tornou impressionante no seu acervo, sendo um arquivo governamental e abrigando manuscritos latino e gregos para os estudiosos que a utilizaram.

## XV. Sobre as pontuações, se e quando usadas

Na verdade, isso também ocorria, ora, nos diplomas escritos, ora nos livros, após a era de ouro dos Latinos, que distinguiam palavras individuais com pontos separatórios; nenhuma distinção das palavras foi completamente feita pelos estenógrafos a Carlos Magno que, procurando Alcuíno de York<sup>187</sup>, restituiu as distinções ou subdistinções dos pontos. Neste assunto, o muito pio Príncipe teve em sua companhia os peritíssimos Paulo, o Diácono<sup>188</sup> e Alcuíno de York em que aquele leu as homílias individualmente por um ano e algumas epístolas de Agostinho de Hipona. Na verdade, ilustraram esse livro, que é chamado *COMES* com pontuações. No entanto, aquele uso das pontuações se preservou seriamente nos diplomas: com certeza, observou-se nos livros, por aproximadamente oitocentos anos, que a pontuação na parte inferior do final da palavra é a vírgula; na parte média, os dois pontos; na parte superior, aparecia o ponto se a frase desginasse sentido terminado; algumas vezes, costumavam aparecer três pontos. Aquela distinção sensivelmente se preservou entre os secretários cuidadosos, por outro lado, entre os rústicos. Leia as investigações de Alácio a respeito dos fragmentos etruscos para os seus. Antes de Carlos Magno, certamente, Jerônimo ajustou a sua tradução bíblica por causa da simplicidade aos companheiros e às divisões dos frades., como Cassiodoro<sup>189</sup> testemunha e o próprio Jerônimo também no prefácio na versão para Isaías. Mas aquela distinção de tal natureza teria sido e ou foi observada por outros. Certamente, nem nos áureos tempos das palavras aquela acurada distinção dos pontos tornava-se de todos. Se apenas Otávio Augusto<sup>190</sup>, que do seu quirógrafo<sup>191</sup> observou Suetônio: não dividia as palavras, nem transferia da parte extrema dos versos as letras abundantes em outro, mas, no mesmo lugar, imediatamente, substituía e traçava. O que, ultimamente, os nativos não raramente fazem nas epístolas escritas.

---

<sup>187</sup> NT: Alcuíno de York (lat: *Alcuinus*) (735-804), monge, diácono, poeta, matemático e professor inglês. Fundador da Aula Palatina e tornou-se patrono das universidades cristãs.

<sup>188</sup> NT: Paulo, o Diácono (lat: *Paulus Diaconus*) (720-799), monge beneditino e historiador dos Lombardos.

<sup>189</sup> NT: Fábio Magno Aurélio Cassiodoro Senador (lat: *Cassiodorus*) (490-581), escritor e estadista romano, conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande (454-526).

<sup>190</sup> NT: Caio Júlio César Otaviano Augusto (lat: *Otavius Augustus*) (63 a.C-14 d.C), primeiro Imperador Romano.

<sup>191</sup> NT: É o documento escrito de próprio punho e assinado somente pelo devedor de uma obrigação. possui o sentido oposto de síngrafo, obrigação assinada por ambas as partes, ou seja, credor e devedor.

## XVI. A escrita dos Germanos e dos Anglo-Saxões

Entre os Germanos e Alamanos<sup>192</sup>, a forma de escrita era preservada; da mesma forma, nos tempos carolíngios e subsequentes, e junto aos Francos, obviamente aqueles que eram envolvidos pelo mesmo império. Os diplomas exibem esta forma de escrita, dos quais alguns exibiremos aqui. Adiante, a escrita trêmula, ao menos em letras maiores, foi introduzida durante a dinastia dos Otos<sup>193</sup>, no século X. Junto aos Anglo-Saxões, na verdade, a escrita saxônica vigorou até o Principado de William I, o Conquistador<sup>194</sup>, realizado naquele tempo, para que o modo anglo de escrever fosse omitido, e o modo gálico fosse admitido em todas as cartas e livros, testemunhando Ingulf<sup>195</sup>, na *Historia Croylandensi*<sup>196</sup>.

## XVII. A escrita das bulas pontificias<sup>197</sup>

Em seguida, primeiramente, em letras pontificias, existiu a escrita lombarda; tal é a escrita da carta do Papa Adriano I<sup>198</sup>. Na segunda tabela dos relevos, junto ao nosso Suplemento e nos exemplos das bulas

<sup>192</sup> NT: Os Alamanos (também chamados de *Alamanni*, *Allemanni* ou *Alemanni* pelos romanos e que significava “o povo de todos os homens”) eram um povo de origem germânica, que recebeu a denominação tornada marcante por obra dos romanos. Eles formavam uma aliança de cunho militar e caráter agressivo com tribos germânicas que viviam na região em torno do rio Meno, com o intuito de atacar a província romana Germânia Superior. Desde o século III, os Alamanos insistiram em se infiltrarem pela fronteira romana do Reno-Danúbio, mas a resistência enfrentada por eles na tentativa de avançar sobre as fronteiras romanas obrigou o desvio e o estabelecimento em outras localidades. A região que passaram então a ocupar é o que conhecemos hoje como Alsácia, Lorena, Baden-Württemberg e Suíça. Com a extensão territorial e o poderio alcançado pelos Alamanos, logo se tornaram um Estado que, durante o domínio dos francos, recebeu a referência ao território da *Alamania*, posteriormente, levando ao nome que conhecemos hoje de Alemanha.

<sup>193</sup> NT: Refere-se aos reinados de Otto I (936-973), Otto II (973-983) e Otto III (983-1002), conseqüentemente, avô, pai e filho (lat: *Ottones*). Além de Reis da Germânia, eles também foram imperadores no Sacro Império Romano-Germânico.

<sup>194</sup> NT: William I ((lat: *Guilielmus Conquæstor*) (1028-1087), também conhecido como William, o Conquistador foi o primeiro monarca normando da Inglaterra, sendo conhecido por sua origem bastarda e por suas conquistas.

<sup>195</sup> NT: Ingulf (lat: *Ingulfus*) (?- 1109) foi um abade beneditino de Croyland e secretário do Imperador William I.

<sup>196</sup> NT: *Historia Croylandensi* foi uma série de documentos do século XV que continha a história da abadia de Croyland. Tratava-se, no entanto, de uma obra falsa, forjada para vencer um processo jurídico por direitos de propriedade.

<sup>197</sup> NT: As bulas pontificias são alvarás passados pelo Papa ou Pontífice católico, com força da lei eclesiástica, pelos quais se concedem graças e indulgências àqueles que praticam algum ato meritório. O termo bula se refere não à forma ou à solenidade, mas à forma externa do documento, lacrado com uma pequena bola (*bullæ*, em latim) de cera ou metal (chumbo).

<sup>198</sup> NT: Adriano I (lat: *Hadrianus I*) (700-795), Papa da Igreja Católica e responsável pela remodelação de Roma no século VIII.

de Bento III<sup>199</sup> e Nicolau I<sup>200</sup>, que estão no livro V, é lícito ler. Desse modo, adiante, a escrita pertence aos nossos nativos também no século XI. Até esse ponto, a escrita difícil foi evitada como escolha, como um entre os descendentes de Tours tenha sido descoberto Bartolomeu Maior<sup>201</sup>, abade do Monastério que poderia ler a bula de Gregório V em prol da basílica de São Martinho, já que ela havia sido escrita em letra romana. Sabe-se também que essa bula, em conformidade, foi enumerada pelo mesmo abade, como nos referiremos a partir do autêntico testemunho do próprio abade no Apêndice, comunicado pelos veneráveis canônicos de São Martinho de Tours<sup>202</sup>.

### XVIII. As notas tironianas ou aquelas notas retiradas das cartas

Ainda, para esta finalidade, relacionam-se ao argumento aquelas compendiosas notas tironianas, com as quais os antigos adequavam o discurso à rapidez de escrever. Certamente, os Cancelários ou Notários da primeira e segunda estirpe costumam adicionar várias notas nos muitos diplomas régios para sinalizar a quirografia, as quais também existem em várias cartas dos indivíduos, como no princípio e no fim da Carta de Roberto II de Flandres<sup>203</sup> em prol da Igreja de São Martinho de Tours<sup>204</sup>. Sobre estas notas, o entendedor é Sidônio Apolinário<sup>205</sup>, que estudou sobre o período do alto sacerdote e monge bretão Riagat De Treffiagat<sup>206</sup>, ao qual certos livros descritos de Fausto inesperadamente tinham atribuído: *E a sequacidade atribuiu, de certa forma, diz o autor, ditar a brevidade em madeira acelerante dos escribas, que compreendiam sinais, porque não tinham letras*. Este é, sem dúvida, Riagat De Treffiagat, cuja memória é celebrada nos muito antigos litânios anglicanos, que aprendemos no tomo segundo dos antigos Anacletorum. Em outros aspectos, Pedro, o Diácono<sup>207</sup>, monge casinense explicou aquelas notas tironianas antes dos anos quinhentos: o livro dele deste

<sup>199</sup> NT: Bento III (lat: *Benedictus III*) (810–858), Papa da Igreja Católica.

<sup>200</sup> NT: Nicolau I (lat: *Nicolaus I*) (ca. 810–867), Papa da Igreja Católica, sucessor de Bento III.

<sup>201</sup> NT: Bartolomeu de Marmoutier (lat: *Bartholomæus Maior Abbas*) (1063–1084), abade de Marmoutier e monge beneditino.

<sup>202</sup> NT: São Martinho de Tours (lat: *Sanctus Martinus*) (316–397), militar, monge e, mais tarde, bispo da cidade de Turões (atual Tours).

<sup>203</sup> NT: Roberto II de Flandres (lat: *Robertus Comes*) (?–1111), filho de Roberto I, conde de Flandres, assumiu o posto do pai após a sua morte.

<sup>204</sup> NT: Também conhecida como Basílica de São Martinho de Tours, localiza-se na cidade francesa de mesmo nome (Tours).

<sup>205</sup> NT: Sidônio Apolinário (lat: *Sidonius Apollinarius*) (430–486), poeta, alto funcionário do Império Romano, bispo da Santa Igreja Católica, dedicou-se a escrever sobre a Gália do século quinto de nossa era; sua maior obra é *Panegyricos*, onde ele documenta vários aspectos políticos da Gália.

<sup>206</sup> NT: Riagat de Treffiagat (lat: *Riochatus*) (século V), de origem irlandesa, foi monge, abade, mudou-se para Britânia, onde fundou uma cidade em sua homenagem e lá faleceu.

<sup>207</sup> NT: Pedro, o Diácono (lat: *Petrus Diaconus*) (1107–1159), bibliotecário na Biblioteca de Montecassino.

assunto foi confiado aos caracteres, antes que Grüter trouxesse essas mesmas notas à luz. O exemplo deles, distribuído em ordem alfabética, do nosso psaltério germânico exibiremos posteriormente em seu lugar. Nota-se outro gênero usado por Otávio Augusto que, muitas vezes, escreveu por notas, usando *b* por *a*, *c* por *b* e, em sequência, possuiu o mesmo raciocínio as letras seguintes: por *z*, no entanto, usou um duplo *a*.

### XIX. Sobre os pontos nas letras *i* e *y*, na sílaba e entre palavras

Parecia que este é o lugar de posturar, como ensinaremos um discurso sobre a ortografia. Em verdade, assim o é, porque, frequentemente, a ortografia acontece através do estilo, nós retornaremos a ela no livro seguinte, de forma mais completa. Mas antes que eu mude para esse território, muito ajuda observar sobre as letras *I* e *Y*, das quais aquela (*I*) nos antigos monumentos não aparece em lugar algum com um ponto fixo: este, na verdade, uma vez que aparece com um ponto médio; por outro lado, com pontos individuais em cada extremidade adicionadas (embora, de vez em quando, também apareça sem algum ponto) ocorre. Adiante, na letra *I* minúscula um acento agudo começou a ser superposto no século XIII, como fica claro a partir de vários manuscritos daquele tempo. Um deles é de Henri Justel<sup>208</sup>, contendo a versão francesa da Bíblia em dois tomos, escrita no ano de 1294. Este uso perdurou, mesmo que nem sempre em todo lugar, até o fim do século XV. Naquele mesmo tempo, o acento foi empregado inteiramente na letra *U*, hábito usado também hoje pelos Belgas.. Por outro lado, do mesmo século em diante, a letra *I* começou a ser destacada por um ponto (que somente nós mantemos). Assim, é lícito observar nos livros manuscritos *De Imitatione Christi*, nos Autógrafos de Melk<sup>209</sup>, do ano 1421, no nosso livro alemão de 1441, no livro de Salzburg<sup>210</sup> do ano 1463. Enquanto isso, no *Autógrafo de Kempis*<sup>211</sup> do ano de 1460, os acentos são superpostos. Desconheço se algum valor existe para marcar a sílaba e a escrita com um sinal; não raro, encontra-se nos antigos manuscritos e instrumentos antes dos anos quinhentos, não somente de forma solitária, mas também dentro das próprias palavras é encontrado, como em ‘retinet’. Mas este uso parece ter desaparecido no século XII. E algum uso sim apresenta-se no tom do vocábulo ‘etiam’; sem dúvida, observa-se esse uso

---

<sup>208</sup> NT: Henri Justel (lat: *Henricus Justellus*) (1619-1683), estudioso francês e administrador real, além de bibliotecário.

<sup>209</sup> NT: Melk é uma cidade e município localizados na Baixa Áustria.

<sup>210</sup> Salzburg é uma cidade da Áustria, localizada no centro-oeste do país, próximo à fronteira com a Baviera.

<sup>211</sup> NT: Tomás de Kempis (lat: *Kempis*) (1379 ou 1380-1471), monge e escritor místico alemão, que produziu várias obras representativas da literatura devocional moderna. A principal delas, *De Imitatione Christi* (1441) é considerada como um dos maiores tratados de moral cristã. Composta de 66 cartas, 60 das quais são assinadas por Kempis.

na carta de Arnulfo<sup>212</sup> da Igreja de Santa Walburga, perto dos habitantes de Quixinau<sup>213</sup>, junto à abadia de S. Arnulf em Metz, cuja carta é datada no ano da Encarnação do Senhor de 1197. Na mesma carta, é lícito observar as letras dúplices W ao mesmo tempo inseridas nos vocábulos *Ludowicus* e *Walburgus* e, ainda assim, no século nono, onde distintamente são expremidos. Até esta letra U num momento quadrada, em outro, acuminada ao modo V, também se apresentava dentro dos vocábulos, mas tanto como vogal quanto como consoante, sem nenhuma diferença.

## XX. Sobre o modo de pontuar entre os antigos<sup>214</sup>

Ajudaria adicionar neste lugar o livrinho *De Ratione Punctandi*<sup>215</sup> ou *A Arte de Pontuar*, que os antigos utilizavam<sup>216</sup>. Este escrito sobre um breve argumento foi encontrado por nós num códice do Monastério de Vallombrosa, na Etrúria, em que são distinguidos oito gêneros de pontos: são eles, sem dúvida, o *ponto suspensivo*, *coma*, *cólon*, o *período*, o *gemipunctus*, o *semipunctus*, o ponto interrogativo e o ponto exclamativo ou admirativo. O *ponto suspensivo* é uma simples vírgula, que costuma ser colocado por causa do repouso durante a fala, antes que o sentido da oração esteja completo. O *cólon* é um ponto plano, que é colocado no final da oração, quando todo o seu sentido está completo. A *coma* é composta de dois sinais gráficos, com certeza, um ponto plano colocado acima de uma vírgula, no modo de um pontinho suspensivo. E usamos este, quando a oração aparenta estar completa, mas a intenção daquele que escreve é que deve ser acrescentado algo mais. O *período* é um ponto múltiplice, que aparece no final do capítulo ou de toda oração e costumamos colocar desta maneira:., quando não há nada demais a dizer. O *gemipunctus*<sup>217</sup> é expresso através de dois pontos planos assim: .., que

<sup>212</sup> NT: Arnulfo I de Flandres ou Arnulfo, o Grande ou o Velho (lat: *Arnulfus Comes*) (890-965), terceiro conde de Flandres.

<sup>213</sup> NT: Capital e maior cidade da Moldávia, antigo mosteiro-povoado e, à época da obra, já havia caído para o domínio otomano.

<sup>214</sup> NT: Os sinais de pontuação representam um capítulo à parte. De acordo com Nuñez Contreras (1994, p.160), os sinais de pontuação surgiram para representar graficamente as pausas de leitura de um orador ou poeta, sendo parte das atribuições dos gramáticos.

<sup>215</sup> NT: Livrinho escrito pelo poeta italiano Iacopo Alpoleio (it: *Iacopo Alpoleio*) por volta do ano 1360, que apresenta os sinais de pontuação.

<sup>216</sup> NT: De acordo com muitos estudiosos, a partir do século VI de nossa era, os escritores adotaram convenções como espaçamento e pontuação em resposta ao crescente número de leitores. Estas modificações não só tornaram os manuscritos mais fáceis de ler, mas também controlaram e salvaguardaram o significado dos textos.

<sup>217</sup> NT: Tanto o termo *gemipunctus* como o termo *semipunctus* são termos cuja tradução em português se mostrou difícil, uma vez que não há um correspondente satisfatório na língua. Isso explica a manutenção dos termos latinos. Apresentamos, a seguir, uma proposta de definição, retirada do dicionário *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*: ‘Existem, também, além disso, pontos que são descritos através de dois pontos planos, que costumamos utilizar nas inscrições e títulos de epístolas no lugar dos próprios nomes, ou por causa da brevidade ou porque ignoramos o suplemento nos nomes...existem, porém, tais formas desses pontos...*Gemipunctus*...*semipunctus*.’ (tradução nossa). Eis o texto original: “*Sunt etiam præterea punctus qui describitur per duos punctos planos, quo solemus uti in epigrammatis et titulis epistolarum loco*

costumamos usar nos epigramas e inscrições das cartas em lugar dos nomes próprios, ou por causa da economia de espaço, ou porque ignoramos o preenchimento do nome. O *semipunctus* é a vírgula jazendo desse modo: , que é colocada no fim da linha, enquanto a dicção não está completa naquele mesmo lugar, mas atravessa em sequência. Todos conhecem o que seja o *puncto interrogativo* ou o *puncto exclamativo*<sup>218</sup> ou *admirativo*. Retomaremos estas coisas daquele breve escrito, de maneira mais forte, no Apêndice do livro VI, se é de tanto desejo prosseguir nesse tema.

---

*propriorum nominum, vel brevitatis gratia, vel in nominis quod ignoramus supplementum... Sunt autem horum punctorum formæ tales ... Gemipunctus ... semi-punctus.*"

<sup>218</sup> NT: A origem do ponto de exclamação é uma incógnita até hoje: acredita-se que ele foi derivado do ponto de interrogação ou se ele foi desenvolvido durante as aulas de oratória dos *Ars Dictandi* no *Trecento*. A única certeza foi o local de seu nascimento: a cidade irraliana de Urbisaglia. O poeta Iacopo Alpoleio reivindica para si a criação desse sinal gráfico de pontuação.

## Referências bibliográficas

- MABILLON, Jean: **De re diplomatica libri VI - Ed. 2 ab ipso auctore recognita, emendata et aucta.** - Paris 1709. -Disponível em: <<http://x0b.de/mabillon/mabillon-inhalt.html>>. - Acessado em: 22/12/2021.
- TERRERO, Ángel Riesco (ed.). **Introducción a la Paleografía y a la Diplomática General.** Madrid: Editorial Síntesis, 2004.
- NÚÑEZ CONTRERAS, Luis. **Manual de Paleografía – Fundamentos e Historia de la Escrita Latina hasta el Siglo VIII.** Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.
- CAPELLI, Adriano. **Lexicon Abbreviaturarum - Dizionario di Abbreviature Latine ed Italiane.** Milão: Editora Ulrico Hoepli, 1999.